

ANTONIO MANZINI

**O AMOR NOS
TEMPOS DA
COVID-19**



ANTONIO MANZINI

O amor nos tempos da covid-19

TRADUÇÃO DE *Mauricio Santana Dias e Solange Pinheiro*



Tinha começado como um resfriado lá do outro lado do mundo. A maior parte das pessoas reagia dando de ombros, os mais pessimistas já se viam protagonistas do romance *Anna*, de Ammaniti, a delegacia continuava com o seu trabalho cotidiano. Pouca coisa, na verdade. Um furto, um caminhão desaparecido na fronteira, um ou dois traficantes de drogas e uma briga no restaurante terminada com um ferido e um derrame cerebral. Naqueles dias tranquilos, o subchefe de polícia Schiavone resolveu não trabalhar e deixar todas as incumbências na mão do vice-inspetor Antonio Scipioni, enérgico, muito mais jovem e motivado, feliz por poder liderar a esquadra. Passava os dias fumando perante o panorama invernal dos Alpes e do céu cinzento, respirando o ar de neve que ameaçava sufocar a cidade de um momento para o outro. Depois, de sazonal aquele resfriado ficou mais grave, morria gente lá na China, e as notícias, antes de pouca monta, começaram a ficar incômodas. Dia após dia aumentou a tensão, os mortos se tornaram milhares, dar de ombros não era mais suficiente. A primeira a se manifestar foi Michela Gambino, a perita substituta da polícia científica, mulher muito preparada, dominada, no entanto, por uma inclinação perversa que a impelia a explicar cada acontecimento planetário como consequência de um complô dos grandes poderosos. Do alto de sua sabedoria e inteligência indutiva, Michela ofereceu diversas interpretações. A primeira, quando os governantes chineses começaram a dar as notícias sobre esse estranho vírus, proveniente dos morcegos, foi apontar o dedo contra a WWF.

– É claro – afirmava –, os chineses comem morcegos; acrescente a isso o ar poluído, os quirópteros estão a caminho da extinção. Isso aumentaria de modo exponencial a presença dos insetos que transmitem ao ser humano e aos animais doenças bem mais graves que um poderoso vírus da influenza.

Essa teoria da Gambino durou pouco. Foi exatamente o agente Deruta quem lhe apontou que bastaria proibir o consumo de morcegos e tudo se resolveria. A segunda teoria, decorrida do golpe que os mercados chineses haviam sofrido depois de alguns dias da propagação do vírus, foi o complô estadunidense.

– Eles colocaram o vírus em circulação porque a economia chinesa passou na frente da norte-americana, precisava ser brecada. Com armas não dá; então, eles pensaram no vírus. Traçoeiro, silencioso e fatal, porque mata a confiança em um país. E os investidores precisam de confiança em um país para investir dinheiro nele.

Quem a fez notar que, no entanto, disseminar um vírus em 2020 não é a mesma coisa que na Idade Média foi Italo Pierron. Tem os trens, os aviões, e num instante esse infeliz desse vírus se espalharia pelo mundo inteiro, inclusive nos Estados Unidos da América.

– É mais ou menos – ele lhe disse – como o marido cortar o próprio pinto pra fazer picuinha pra esposa.

Gambino se deu ao direito de pensar no assunto e esperar. Se o vírus não alcançasse os Estados Unidos, então ela teria toda a razão do mundo. A terceira teoria se relacionava ao Falun Gong, movimento pseudorreligioso adversário do Partido Comunista chinês, que teria espalhado o vírus para vingar os próprios expoentes aprisionados pelo governo e utilizados como peças de troca por doentes terminais. Esta teoria teve vida curta, como a quarta, que dizia que o vírus teria sido disseminado pelos tibetanos em resposta à ocupação do país deles pelos chineses.

– Vocês vão ver que o Richard Gere não vai pegar esse vírus de jeito nenhum! – ia dizendo.

Porém, seja como for, os dias se passaram e o vírus, de calamidade chinesa, tinha se transformado em um fato nacional. A Itália precisava de tudo, menos ser invadida por um vírus assassino com nome de marca de chuveiro. A economia cambaleava, a classe política também, a estima mundial pelo país estava no fundo do poço. A infecção começou na surdina, mas aquela desgraçada da covid-19 – este era o nome científico da doença – se transmitia com um espirro, um aperto de mãos, uma respiração. Em poucos dias, um pouco por vez, o país inteiro, o primeiro na Europa, se fechou. Quem fechou as portas inicialmente foram as regiões do norte, depois, à medida que o mal se alastrou pela península, o resto do *belpaese* trancou portas e janelas deixando as cidades vazias em uma paisagem digna de De Chirico. Talvez tivessem razão os que se sentiam protagonistas de um romance de Ammaniti? O fato foi que os italianos, em sua grande maioria, compreenderam o momento difícil pelo qual o país estava passando e se trancaram em casa, um pouco pelo medo, que os meios de comunicação transformaram em terror puro, um pouco por aquele lampejo de consciência civil que ainda se enraizava nos corações e nas mentes dos cidadãos que compreenderam que ficar doente acabaria com o sistema de saúde, lidando com uma situação nunca antes vivida. Os hospitais ficaram lotados em pouquíssimo tempo, as unidades de terapia intensiva, onde as vítimas eram internadas, estavam explodindo. Não havia mais lugar para os novos doentes, e os médicos começaram a dar prioridade aos mais jovens ou àqueles com melhores expectativas de vida. Houve uma explosão de intelectualoides na televisão e nas redes sociais. Gente que havia conquistado o diploma do ensino médio aos trancos e barrancos achou que era infectologista, dizendo o que queria sobre a natureza da covid-19. Teorias médicas falavam de vacinas e de remédios milagrosos: soros antiofídicos eliminavam o contágio, emplastros de saliva de vaca o detinham para sempre, uma masturbação compulsiva e selvagem o enfraquecia, o vinho branco Est! Est!! Est!!! de

Montefalcone acabava com o poder do vírus e imunizava crianças com menos de seis meses. E explodiram teorias que botaram no chinelo as de Gambino. Maçons, os 300, Bildenberg, a Stasi, o Mossad, todos poderiam ser os culpados. Foi irritante ouvir a elite dos toscos ingleses ou argentinos falando mal do nosso país do alto da sua arrogância e ignorância. “Os italianos estão se aproveitando disso pra fazer a *siesta*”, disse um pobre idiota autodeclarado médico anglo-saxão; “Afetou a Itália porque lá a saúde pública é uma porcaria”, berrou um infectologista argentino bundão, talvez formado em heráldica. Médicos e enfermeiros, por outro lado, eram os heróis. Trabalhando 24 horas por dia, se arriscando, não tinham tempo para essas idiotices, não tinham tempo para responder aos cretinos que afirmavam que o vírus talvez fosse pouco mais que um resfriado, que sempre tinha sido, e que as pessoas estavam exagerando. Não; eles, com uma mascarazinha e um par de luvas, curavam as pessoas que saíam sãs e vitoriosas desse mal. Resumindo, produziam os fatos, não a tagarelice. Rocco Schiavone era um policial, não podia ficar trancado em casa. E agradeceu aos céus porque era impossível dividir 24 horas por dia uns oitenta metros quadrados com Gabriele e Cecilia. Como o decreto ministerial havia dado permissão para sair apenas para atividades como compras, ir à farmácia e levar o cachorro pra fazer xixi, Lupa foi deixada com Gabriele, que, com a desculpa das necessidades caninas, ia tomar um pouquinho de ar dezoito vezes ao dia. Foi um ótimo período para os cachorros, no começo; depois se transformou em pesadelo. A cada três segundos eles se flagravam com a guia na coleira para sair; e se nos primeiros tempos os animais consideraram a novidade como um presente maravilhoso, com o passar dos dias começaram a ficar assustados. Não podiam se dar ao luxo de uma sonequinha, ou de ficar morgando no sofá. A cada meia hora precisavam sair, mesmo que não tivessem mais xixi, e nem pensar em cocô. Alguns donos colocaram diuréticos na vasilha de água, muitos cachorros começaram a ter problemas renais, outros emagreceram de maneira exagerada, os mais felizes conseguiram fugir. Lá pelo sexto dia surgiu o costume de cantar a plenos pulmões das janelas e das varandas. Principalmente o hino nacional italiano, coisa que obrigava os *carabinieri* que faziam as patrulhas de controle a ficar continuamente em posição de sentido e a saudar uma bandeira imaginária. Os bares estavam fechados, bem como as livrarias, coisa que deixou indiferente 90% da população. Por sua vez, as perfumarias ficavam abertas e os únicos entregadores que podiam transitar de um lado para outro levando nos bagageiros os objetos mais disparatados eram os das multinacionais de e-commerce.

Resumindo, os dias transcorriam lentos naquele grande cárcere em que a Itália havia se transformado. As cidades vazias, o ar limpo, o nervosismo que crescia entre as paredes domésticas, as dificuldades de quem tinha lojas ou pequenos

negócios e via anos de sacrifício se desfazendo em pouco tempo, o desespero dos ladrões de apartamento. Muitos resolveram aproveitar aquela prisão biológica para estudar uma língua on-line, aprender um instrumento musical, escrever um livro, se dedicar à meditação, projetos de execução possível somente se não houvesse crianças na casa; e, acima de tudo, cozinhar. A principal forma de desabafo dos italianos acontecia ali, na frente dos fogões. *Crostate*, massas ao forno, assados, molhos, pizza de escarola, foi um pesadelo de triglicérides. Todos comiam como se não houvesse um amanhã. Potes de Nutella duravam 24 horas, quilos de macarrão desapareciam em um fim de semana, milhões de ovos, montanhas de plástico, latas de lixo que se enchiam na velocidade da luz, deixando em crise até aquelas cidades, tais como Roma, que tinham um excelente serviço de coleta de refugos domésticos. Algumas pessoas descobriram até os livros, aqueles curiosos paralelepípedos à vista de todos que nunca haviam sido tocados por mãos familiares. Quem não os tinha começou a ler velhas listas telefônicas encontradas no sótão. “Imagina só! De Santis Giuseppe mudou de número em 1995.”, “E quem é?”, “E eu lá vou saber?”. Filmes e séries salvavam as noites. Fossem *thrillers*, filmes de terror, desenhos animados, documentários, os italianos rapidamente se tornaram especialistas no estilo contido e nas formas do novo cinema coreano; discutiam sobre as escolhas poéticas de diretores iranianos dos quais nunca tinham ouvido falar, brigavam on-line por causa das prioridades narrativas de cineastas de Burkina Faso.

Essa vida forçada nos poucos metros quadrados de um apartamento, prisão domiciliar a ser cumprida sem que se houvesse cometido nenhum crime, esse regime forçado entre pessoas acostumadas a se ver no máximo umas horas por dia, essa falta de intimidade da solidão, de espaço, de silêncio, estava colocando a dura prova os nervos das gentes itálicas, dos Alpes aos Nébrodes, na Sicília; do rio Busento ao Pó. E a coisa não poderia durar. A bomba social tinha sido armada, a contagem regressiva começara, tratava-se apenas de esperar.

E a bomba explodiu.

– Doutor, actce um coz orrv.

– D’Inti’, se você não tirar a máscara, eu não entendo porra nenhuma.

D’Intino obedeceu.

– Doutor, aconteceu uma coisa horrível.

– Me diga.

– Na rua... agora eu não lembro, enfim... tem um décimo grau, como o senhor diz.

Schiavone ergueu os olhos para o céu. Tirou os pés da escrivaninha, jogou de lado a revista de palavras cruzadas e apagou o cigarro.

– Quem está de plantão hoje?

– Eu.

– Isso eu estou vendo. Quem mais?

– Estão também o Antonio e o Casella.

Aproximou-se do cabide para pegar o *loden*.¹ D’Intino deu dois passos para trás.

– O que foi?

– Doutor, a gente temos que ficar a um metro e meio. Ordens!

– Você tem razão, D’Inti’. Vamos fazer de conta que você e eu estamos a quatro metros?

– Como o senhor mandar... Doutor, essa covid-19, em que grau ela está na classificação?

– Ela superou o décimo grau, D’Inti’.

Foram para o corredor.

– É que eu estou pensando uma coisa.

– Você? – perguntou, cético, o subchefe de polícia.

– Isso. Mas se tem essa covid-19, vai ter também a 20, a 21, a 22?

Schiavone não soube responder.

Antonio e Schiavone entraram no carro.

– Porra dessa mascarazinha – grunhiu o subchefe. Antonio sorriu, mas Rocco não percebeu.

– Assim você fuma menos.

– Sério?

– É o jeito. Agora, o negócio é o seguinte. Na via Brocherel, hoje de manhã, foi encontrado morto na banheira Manlio Sperduti.

– Continue.

– Profissão, cabeleireiro. Com ele moram a esposa, Lorenza, e dois filhos, Cristina e Giuseppe, de oito e dez anos; o irmão da esposa, Pietro; e os pais dela.

Rocco afastou um pedaço da máscara na altura da boca e enfiou ali um cigarro.

– A que horas aconteceu? – perguntou, acendendo o Camel.

– A esposa o encontrou às nove e meia... chamou a gente na hora.

– E Gambino?

– Mas você tá fumando com a máscara? – disse Antonio.

– Repetindo: e Gambino?

– Estava em casa. Foi avisada. Fumagalli já está no local.

– Não diga.

Se depararam com uma patrulha dos *carabinieri*.

– E então, essa história de autodeclaração eu não entendi nada – disse Antonio. – Você escreve que está indo pro supermercado, e se, em vez disso, vai encontrar uma pessoa e leva uma sacola de compras cheia no carro?

Rocco não respondeu. Olhava o céu cinzento e a neve que ainda estava nos topos das montanhas.

– Não sei; só sei que estou sonhando com *Os noivos* – disse.

– A peste em Milão?

– Não, o adeus aos montes.[2](#)

O agente Casella estava bem na entrada do apartamento. Usava uma curiosa máscara cor-de-rosa. Cumprimentou o subchefe com um gesto.

– Chefe, estou fora porque não dá pra entrar. Fumagalli já está lá.

Rocco passou por ele. Antonio preferiu esperar no patamar. Dois vizinhos do apartamento botaram a cabeça pela porta, a coisa podia ficar interessante, uma bela diversão para passar a tarde e a noite, mas uma ordem peremptória de Scipioni os fez desaparecer pela abertura da porta como a cabeça de uma tartaruga.

O apartamento tinha noventa metros quadrados. No fundo do corredor, o quarto das crianças, ao lado do quarto do casal; na salinha de estar com uma pequena cozinha se abria uma pequena varanda que servia também de depósito. O quarto de dormir ao lado da entrada estava com a porta aberta. Dois idosos sentados no colchão e com máscara estavam de mãos dadas e pareciam tremer.

A esposa e os filhos estavam no salão, sentados no sofá de dois lugares. Pálidos, desconcertados, das máscaras surgiam os olhos enormes, perturbados. Na poltrona, por sua vez, estava um rapaz de uns trinta anos. Ele também com máscara, olhava para o chão sem levantar os olhos.

– Olá – disse Rocco. – Schiavone, subchefe de polícia...

– Lorenza Sperduti – disse a mulher. – Estes são Cristina e Giuseppe – e começou a chorar.

– Oi – disse a menina. – Papai morreu na água! – disse, com ar alegre.

– Quem é o senhor? – perguntou para o rapaz, que não respondeu. A mulher respondeu por ele.

– Ele é Pietro, meu irmão...

– E os dois senhores ali?

– Vovô e vovó – respondeu a menina. – São muito velhos e estão muito assustados. Se chegar o vírus, eles morrem rapidinho.

Ouvir a jovem Cristina fez Rocco se lembrar de todas as razões que motivavam sua aversão pelos seres humanos com menos de 21 anos.

– O senhor é policial? – perguntou para ele. Rocco saiu da sala sem lhe responder. O banheiro, na metade do corredor, estava com a porta encostada. Schiavone a abriu. Fumagalli estava em pé na frente da banheira. Dentro estava o corpo de Manlio Sperduti. Um patinho amarelo e um Batman, ambos de borracha, balançavam ao lado do abdômen saliente. Os olhos estavam arregalados, aterrorizados. Os cabelos compridos nadavam como algas. Uma das mãos agarradas ao cano de água; a outra, frouxa, ao lado do corpo. Um fio elétrico preto

se perdia em meio à espuma da água parada e turva. No chão, ao lado do tapetinho, uma chave phillips de cabo vermelho.

– Você se incomodaria de ficar a um metro e meio? – disse Fumagalli.

– Não tem um metro e meio aqui dentro. Se vire. Então, como ele morreu?

– Não precisa ser um gênio – respondeu Fumagalli, que havia erguido a máscara para a testa. Agarrou o fio negro e o puxou para o alto, como se estivesse pescando. Na outra ponta estava preso o secador de cabelos. – Fulminado – disse, indicando a tomada ao lado do espelho. – Parada cardíaca, bloqueio das vias respiratórias e, tá vendo a pele? Olha, está marcada... tem queimaduras no corpo todo.

– E o dispositivo de segurança?

– Ah... não funcionou. Lembre que, nesta casa, tem um consumo de muitos quilowatts.

Schiavone balançou a cabeça.

– Você leva ele daqui?

– Sim, o serviço funerário está vindo, mas tem pouca coisa para analisar.

– Vou mandar levar o secador para a Gambino, mas o que você quer encontrar?

Isso foi um homicídio familiar.

– Quantas pessoas moram aqui? – perguntou Fumagalli.

– Nove, eu acho.

– E eu que me queixo de estar sozinho em setenta metros quadrados!

– Você não está sempre só – disse Rocco. – Gambino nunca vai à sua casa?

– Não, queridinho, eu vou à casa dela. Cento e oitenta metros quadrados na frente do pórtico romano! – e deu uma piscada.

– Você é um homem miserável e aproveitador... se cuida.

Enquanto Fumagalli calçava um par de luvas de borracha, Rocco voltou para o corredor.

– Antonio! – chamou. Ele botou a cara na entrada.

– Nem precisa dizer que ninguém pode sair. E não podem usar o banheiro.

– E como é que eles vão fazer, doutor – se intrometeu Casella –, se eles só têm um?

– Eles que arrumem um balde. Antonio e eu voltamos para a delegacia. Chama o Deruta e Italo, faz eles virem trabalhar. Eles que comecem a procurar detalhes sobre esse Manlio Sperduti.

Descendo as escadas, se encontraram com Gambino, que, mal os viu, ficou imóvel. Ergueu o braço.

– Parados! – ordenou.

Rocco e Antonio se imobilizaram no primeiro degrau.

– O que foi?

– Vocês não estão usando máscara e luvas.

– Tudo bem, é que...

– Tudo bem uma ova! Agora vocês terminem de descer com calma, aí saiam pelo portão, e só então eu entro. Vai saber se vocês não estão contaminados.

– Miche’, pode ser. – Rocco e Antonio voltaram a descer os degraus, enquanto Michela dava três passos para trás.

– Bom – disse a substituta –, agora saiam! – Rocco e Antonio ficaram na soleira da porta observando Michela pegar em sua bolsa um pulverizador e borrifar um líquido no ar.

– O que você está fazendo? – Rocco lhe perguntou.

– Estou esterilizando o ar...

– Solução de álcool?

Michela caiu numa risada que inflava e desinflava a máscara de doze filtros que usava no rosto.

– A solução de álcool é só um parente distante desta coisinha aqui. Eu a criei no laboratório. Só o urânio empobrecido é resistente a ela! V’ambora, bom trabalho!

– Pra você também – disse Rocco.

Uma vez fora, na cidade deserta, balançou a cabeça:

– Coisa de louco... – murmurou. – Bom, uma coisa é certa – acrescentou, enquanto se dirigiam ao carro. – Se ninguém sai, não sai nenhum assassino.

– Perfeito – disse Antonio –, a não ser que alguém tenha um assassino em casa.

Rocco sorriu e entrou no carro.

De manhã, Gabriele precisava se conectar com a escola para as aulas. No monitor se aproximavam os rostos dos professores que davam aula de casa, em uma pequena lousa branca escreviam fórmulas, verbos latinos, versos gregos. Tinha tirado oito em literatura na última chamada oral, a professora não tinha se dado conta de que atrás do monitor do PC estavam Rocco e Cecilia que lhe sopravam as respostas. Do ponto de vista acadêmico, tudo bem. O resto do dia era um pesadelo em estado puro. Não aguentava mais. Não trocava de roupa antes das três horas da tarde; tinha descoberto que bastava enfiar uma malha e os professores do outro lado do vídeo tinham certeza de que ele estivesse completamente vestido. Rocco o havia forçado a uma dieta pobre em açúcares. “Você vai ficar hiperativo se comer todas essas bolachas, e a casa tem setenta metros quadrados!” Com fones de ouvido, escutava seus discos no volume máximo. De vez em quando tocava guitarra e passava uma quantidade embaraçosa de horas no banheiro. Duas olheiras de um tom sépia profundo já haviam se escavado ao redor das órbitas, Rocco pensava que seria o caso de uma consulta com o oculista se ele continuasse com aquele ritmo de masturbação. A única golfada de oxigênio era Lupa, que agora vivia com a guia presa na coleira. Gabriele rodava com a cachorra pela cidade

espectral sem encontrar viv'alma, mas pelo menos saía. Tinha ido até o arco de Augusto, ao criptopórtico, ao teleférico – fechado – para Pila. Cecilia lhe havia dado o conselho de melhorar a língua inglesa, mas Gabriele só fazia isso jogando on-line o *World of Warcraft* com meninos galeses até as três da madrugada. Para Gabriele, aquele confinamento era um pesadelo, não dava para enxergar o fim, à noite ele sonhava com zumbis, com campos de extermínio, com palhaços assassinos. Invejava os policiais e os *carabinieri* que circulavam pela cidade trabalhando e quem morava nas montanhas, isolado, que podia sair quando e como quisesse, e dar passeios nos bosques. Ele, relegado à cidade, sentia que lhe faltava o ar. Por sorte, Rocco lhe deu para ler *O conde de Monte Cristo* e *Papillon*, e Gabriele descobriu sua paixão por literatura.

No dia seguinte, na delegacia, Rocco reuniu sua equipe.

– As novidades são as seguintes – disse Antonio, que lia anotações na frente de Italo, Casella, D'Intino, Deruta e Rocco. – O dispositivo de segurança, alguém o desativou desmontando o quadro de força.

Todos murmuraram e assentiram, com exceção de Rocco, que fumava e olhava o teto.

– Gambino nos informa que os cabelos da vítima estavam secos na parte superior do crânio, secos, diz ela, e arrisca que o pobre coitado estava secando os cabelos antes do incidente.

– Ótimo. O que mais?

– Nada de dívidas. No celular, apenas chamadas de amigos e de colegas; no momento não há evidências de amantes ou de outras amenidades.

– Jogava?

– Só no computador, Candy Crush.

– Se drogava?

– Fumagalli não detectou a presença de opiáceos ou de ácidos no sangue. Nem de álcool.

– Bom! – disse Rocco, se levantando. – Vamos começar a ouvir os parentes. Primeiro, a esposa.

Lorenza e os filhos foram os primeiros a serem levados a ele. A mulher, sentada na frente da escrivaninha, estava com o rosto perturbado.

– Como andavam as coisas com Manlio?

– Bem, senhor – respondeu, enquanto Cristina pulava no sofá de couro do subchefe. – Cristina, se controle!

– Um dois três, quatro cinco e seis! Sete oito nove, para doze faltam três! – cantava a plenos pulmões.

– Cristina!

– Ô mãe? – berrou o molequinho. – Tô com fome!

– Um momento, Giuseppe – e a mulher, paciente, tirou da bolsa um bolinho de chocolate, abriu o pacote e o deu ao seu bebê.

– Um dois três... quatro cinco e seis!

– A senhora poderia dizer para a menina não pular em uma propriedade do Estado?

– Pare com isso, Cristina!

– Não gosto – disse Giuseppe, devolvendo o bolinho para a mãe. Tinha a boca e as mãos já meladas de chocolate.

– Quer de damasco?

– ...para doze faltam três! Um dois três... – continuava a cantar a menina.

– Não gosto de damasco!

– Menina, saia do sofá! – berrou Rocco. Cristina começou a chorar e se aconchegou nos braços da mãe.

– Eu num gosto de damascoooooooooo! – protestou o molequinho a plenos pulmões. – Quero leite com sucrilho de chocolate.

– Mas a gente tá na delegacia, queridinho, aqui não tem leite e sucrilhos de chocolate. Não é verdade, dr. Schiavone?

– Eu diria que não tem.

– Você ouviu o que o moço disse?

– Feio! – berrou Cristina para Rocco, e depois correu para o arquivo.

– Eu quero sucrilhos – insistiu o molequinho.

– Senhora, por favor, me responda. Havia problemas na vida do seu marido?

– O que é isso? – berrou Cristina.

– Um arquivo, menina. Não ponha a mão nele – disse Rocco. Em vez disso, a menininha começou a abrir as gavetas.

– Ciranda, cirandinha, vamos todos cirandar. Vamos dar a meia-volta, volta e meia vamos dar!

– Não, doutor, nada de anormal. Quero dizer, antes de tudo isso, o negócio até que estava indo bem, tinha clientes, e...

– O amor que tu me tinhas era pouco e se acabouuuuuuuu!

– Deixe as gavetas em paz, Cristina!

– Ciranda, cirandinha, vamos todos cirandar. Vamos dar a meia-volta, volta e meia vamos dar! Aqui não dá pra cirandar!

– Não dá porque tem as gavetas! – Rocco gritou com ela.

– Agora eu quero waffles! – insistiu o molequinho.

– Não tenho! – disse a mãe, desesperada.

– Uauuuuu! – a menina saiu correndo na direção da cafeteira, que Rocco mantinha sempre ligada para evitar a ida à máquina de café. – Que que é isso?

– Tinha inimigos? Problemas financeiros?

– Não, senhor. Manlio me contava tudo. As coisas estavam indo bem, menos com meu irmão. O senhor o viu em casa, né?

– Vi.

– Que que é isso? – berrou de novo a menina.

– Cristina, por favor, fica quietinha um pouco... – e aí a mulher olhou o subchefe. – É um pesadelo, um pesadelo...

Rocco não entendeu se ela se referia à filha ou à morte prematura do marido.

– Que que é isso? – perguntou Cristina pela terceira vez, batendo o pé no chão.

“E que porra te interessa”, Rocco gostaria de responder; em vez disso, respirou fundo e disse:

– É a máquina de fazer café. Não ponha a mão!

– Café? Ahhhh... Borboletinha tá na cozinha, fazendo chocolate para a madrinha, poti poti...

A menina dançava no meio da sala. Giuseppe, por outro lado, havia começado a mastigar um biscoito que a mãe, distraída, lhe dera.

– Mas em casa vocês não têm dispositivo de segurança?

– Claro que temos, doutor. Deus meu, como eu faço... como eu faço...

– Borboletinha tá na cozinha, fazendo chocolate para a madrinha, poti poti...

– As coisas entre vocês dois?

– Entre mim e o meu marido? Normais, como todo mundo.

– Borboletinha tá na cozinha, fazendo chocolate para a madrinha, poti poti...

Olhaaaaaaaa! – berrou de novo a menina e se lançou na direção dos pratinhos da Lupa. – Tem um cachorrinho aqui?

– Não, menina, um porco – respondeu Rocco –, um porco que come criança que enche o saco que nem você! – deveria sentir dó daquela criatura que havia acabado de perder o pai, mas o cérebro obnubilado pela frequência da vozinha dela, pelo rosto antipático, pelo irmão que devorava biscoitos, havia reagido se defendendo e não conseguiu conter essas palavras. Agora já tinha falado. Pediu desculpas para a mãe, mas a cagada estava feita.

O segundo a aparecer foi Pietro, o irmão da esposa. Nem trinta anos, tinha uns números tatuados no pescoço, devia ser sua data de nascimento.

– O senhor trabalha em quê? – o subchefe lhe perguntou.

Pietro deu de ombros.

– Nada...

– Em que o senhor já trabalhou?

– Trabalhei um pouco como torneiro mecânico, quando tinha vinte anos. Depois uns meses na oficina de carros, mas... sei lá... não era a minha praia. – Tinha uma voz seca e cavernosa, estalava os lábios e parecia que tinha na boca uma batata quente.

- Tô entendendo. Há quanto tempo o senhor vive com a família de sua irmã?
- Faz sete anos.
- E em sete anos não conseguiu arrumar um emprego?

O rapaz ficou nervoso.

- Que que é isso? Está me incriminando?
- Não, quero entender por que um cara de trinta anos mora na casa da irmã.

Pietro olhou as próprias mãos.

- Porque a gente vendeu a casa dos meus pais.
- Ah, não fosse por isso, estaria com eles?
- Com quem? Com aqueles dois velhos gagás? Faça-me o favor!

Rocco coçou a barba.

- É, mas de qualquer jeito o senhor está vivendo com esses velhos gagás, não é? E, ainda por cima, em um sofá-cama.

- É... – o rapaz sorriu. Tinha as gengivas retraídas e avermelhadas. – Mas não à custa deles, eles não podem me ameaçar.

- Melhor à custa do cunhado, né?

O moço se dirigiu à poltrona resmungando alguma coisa; Rocco entendeu muito bem que ele o mandara ir tomar no rabo.

- Poderia tentar trabalhar com o Manlio, não? No salão?
- O senhor me vê lá cortando cabelo? – perguntou Pietro com um sorrisinho irônico.

- E onde eu deveria vê-lo?

Deu de ombros e não respondeu. O subchefe se inclinou um pouco para frente na direção do jovem e o olhou nos olhos.

- Quanto cheira por dia?
- Ahn.
- Coca. Quanto cheira por dia?
- Eu?! Eu não cheiro coca!
- Ah, não?
- Não!

Rocco sorriu.

- Tá metido em encrenca?

Pietro se levantou da poltrona.

- E com quem? Por quê? O senhor está inventando uma história sem pé nem cabeça.

- Não, eu observo. E olho. Suas mãos tremem, você está com as gengivas destruídas, boca completamente seca. Quer que eu sinta o seu bafo, ou você se rende e me conta a verdade?

Pietro abaixou a cabeça.

– De vez em quando, nas festas, com alguns amigos...

– Para ficar nesse estado, muito mais que de vez em quando. Você trata a xerostomia?

Ele passou a mão nos cabelos.

– Não, mas agora eu vou parar. Na verdade, estou aproveitando esse confinamento, estou em abstinência.

Rocco assentiu e acendeu um cigarro.

– Onde você arruma dinheiro?

Pietro não sabia o que dizer.

– Em casa? Quem te dá? Tua irmã? Teu cunhado?

– Um pouco aqui, um pouco ali... – então, de repente, começou a chorar. – Por favor, me deixa ir pra casa... eu não... não aguento mais... eu não fiz nada!

A terceira a aparecer foi a mãe de Lorenza, dona Maria. Setenta e quatro anos, olhos distantes e úmidos, tinha os cabelos azuis e mantinha as mãos no colo.

– Há quanto tempo a senhora e o marido moram na casa do seu cunhado?

– Ahn... faz nove anos...

– E nesses nove anos, como as coisas correram?

– Ahn... bem... – e não acrescentou mais nada.

– Por que venderam a casa?

– Olha, o senhor sabe, a gente estava velho...

– Nove anos atrás a senhora tinha 75 anos, não era velha de jeito nenhum!

– Ahn, enfim...

Rocco respirou fundo. Então continuou.

– Então, conte-me, o que aconteceu? Vocês a venderam e...?

– Pegamos o dinheiro. Egisto colocou no banco. E a gente vivia com ele. Foi minha filha quem teve a ideia.

– O que ela disse?

– Ahn... disse: “Papai, mamãe, venham morar com a gente!”.

– E a senhora aceitou?

– Meu marido disse que sim...

– Posso perguntar quanto dinheiro vocês ganharam com a venda da casa?

– Não sei; quem sabe é meu marido... eu só faço as compras.

Rocco assentiu.

– Mas não lhe pareceu um abuso entrar na casa de sua filha e do marido dela, que já tinham duas crianças, quando a senhora tinha uma casa própria, duas boas aposentadorias e não era nem assim tão velha?

– Ahn... – esses breves “ahn” que ela repetia a todo momento eram como se perdesse ligeiramente o fôlego. Ela os acompanhava sempre com um leve dar de

ombros, olhando para o chão. – Ahn... sim, mas... o senhor entende?, meu marido dizia que a gente economizava, toda a família economizaria, não?

– A senhora alguma vez foi feliz? – perguntou para ela.

– Ahn... – ela respondeu.

– Manlio, como ele estava?

– Eu quase nunca o via. Ele saía cedinho de casa, comia fora, só voltava para o jantar lá pelas nove horas, e eu e meu marido já estávamos dormindo. Só aos domingos, mas eles costumavam sair para passear, mesmo que chovesse...

– Não me espanta – disse Rocco em voz baixa.

– E na segunda-feira, quando o salão estava fechado, Manlio ia lá do mesmo jeito, para fazer a limpeza.

– Então, na Páscoa e no Natal vocês passavam uns dias juntos.

– Não. Ele ia para a casa dos pais, na Puglia... ahn... a mãe dele e meu marido não se entendiam...

– Mas a senhora se lembra da cara de Manlio?

– Pouco...

Por fim se apresentou Egisto. Estatura baixa, olhos azuis e frios, lábios finos. Tinha a testa estreita e o rosto alongado que terminava em um “o”, as orelhas de abano; Rocco o classificou na hora como um *Macaca sylvanus*, ou macaco-de-gibraltar.

– Então, sr. Petrini, o senhor trabalhava... – Rocco leu algumas anotações.

– Geômetra! – disse com orgulho. – Projetei e construí a casa onde eu morava, onde Lorenza nasceu.

– Por que o senhor saiu de lá?

– Parecia certo; e assim eu e minha esposa teríamos uma segurança econômica para o futuro. Resumindo, uma casa a menos, menos despesas, mais dinheiro para uma velhice tranquila.

– Estou lendo aqui que o senhor era membro do Batalhão dos Alpinos!

– Sim, senhor. Brigada Taurinense, estacionado no vale de Susa. E, permita-me dizer, comissário...

– Subchefe de polícia...

– Como?

– Sou um subchefe, não um comissário.

– Como o senhor quiser. Permita-me dizer que esse resfriado que está deixando todo mundo em casa é ri-dí-cu-lo! Nós, com 39 graus de febre, íamos ao passo das montanhas passar o inverno, claro!

– O senhor se dava bem com Manlio Sperduti?

– Ora! Bom dia e boa noite. Quer saber a verdade? Ele nunca me quis na casa dele. E eu nunca fui com a cara dele. Imagine só, além disso, nós não nos entendíamos.

- Por quê?
- Manlio era um fraco. Vinha de Lecce.
- E daí? – perguntou Rocco com um rugido.
- Digamos que os costumes lá pra baixo são muito diferentes dos nossos.
- Dos nossos quem?
- Meus, de minha esposa, minha filha. Eles não podiam se casar. Quando me disse, papai, estou grávida, fiquei desesperado.
- No entanto, não lhe causava nojo ser cuidado na casa dele, com o dinheiro que Manlio ganhava com o salão dele.
- Ora, pensa só, um cabeleireiro! – e, divertido, deu um golpe no joelho.
- O que é que há de errado com um cabeleireiro?
- E por acaso é profissão cortar cabelo? Quando eu era um Alpino, bastava uma maquininha!
- O senhor consegue imaginar sua esposa com o cabelo raspado a zero?
- Por que não? Talvez as mulheres cortem assim – e caiu na risada. – Não, meu caro comissário...
- Subchefe – insistiu Rocco.
- Sim, enfim, caro senhor. Manlio abaixava a cabeça pra todo mundo. Para a moça que lavava os cabelos, para as crianças... Sabe quantas vezes eu tentei dizer a ele: “Você tem de dar educação para eles! Quando eu dava uma ordem em casa, Lorenza pulava como uma mola, mas é claro!”.
- Sr. Petrini. Por que o senhor não se mudou da casa dele?
- Porque minha presença lá agora era uma missão. Desperdício de comida, de eletricidade...
- Não me parece o caso de ficar falando...

Mas o homem não lhe deu ouvidos.

- De telefone... de água. O banho, por exemplo. Mas, e precisa? Um banho de dois minutos já dá e sobra!
- Nisso eu devo dar razão ao senhor, considerando o que aconteceu. E, escute, como é que o senhor, que me parece ser um homem de fibra, foi ter um filho viciado?

Egisto Petrini olhou Rocco nos olhos.

- O quê?
- Seu filho, Pietro, que o senhor teve em idade avançada, suponho... É viciado em cocaína, o senhor sabe?
- Como o senhor ousa?
- É a verdade!
- Meu filho ainda não encontrou o caminho dele, mas é um gênio! Sabe que, aos onze anos de idade, ele era capaz de arrumar um rádio só com uma chave de

fenda?

Era tarde da noite quando Rocco pediu a Antonio que o acompanhasse à casa de Manlio Sperduti. Encontrou a família à mesa. Todos sentados menos Cristina, que, em pé na cadeira, recitava “A galinha do vizinho bota ovo amarelinho” a plenos pulmões, e Giuseppe, que corria ao redor da mesa fingindo montar um cavalo de batalha. Rocco mal cumprimentou, em seguida olhou Pietro, que estava para colocar na boca uma garfada de *fettuccine*.

– Pietro, você se importa de vir comigo?

O rapaz olhou a irmã, a mãe e, por fim, o pai.

– Que foi que ele te fez? – gritava, enquanto isso, Cristina.

O moço se levantou arrastando a cadeira enquanto Rocco se aproximava tirando a máscara.

– Quando foi que você explicou para o Manlio?

– O quê? – perguntou, engolindo.

– Como se desliga o dispositivo de segurança.

Pietro olhou primeiro o subchefe, depois Antonio.

– Não... não lembro. Houve um problema na instalação, faz dois meses, eu o arrumei e... isso... ele estava do meu lado e me perguntou tudo. Porque, ele me disse, se acontecer de novo e você não estiver aqui, pelo menos eu sei arrumar sozinho.

– Obrigado, Pietro. Volte a comer... – lhe disse Rocco. Depois se voltou para todos.

– Bom apetite... e, parabéns, é uma bela de uma porra de família a de vocês!

Egisto se levantou de um salto:

– Como ousa?

– Sentado, Petrini! – o ex-Alpino obedeceu. – Senhora, tire as crianças daqui.

– Como?

– Eu disse, jogue lá no quarto esses dois pé no saco, que é melhor que eles não escutem.

Lorenza pegou pela mão Giuseppe, que, relutante, se fez arrastar até o quarto. Cristina, por outro lado, assustada, seguiu a mãe, dócil. Quando Lorenza voltou, Rocco se apoiou no batente da porta da sala.

– Manlio morreu, mas eu não vi um de vocês derramando uma lágrima. Ele era pouco mais que um coinquilino. Vocês não têm culpa da queda do secador de cabelos na água, não. Manlio fez isso sozinho. Não aguentava mais. E esse confinamento o levou a encontrar coragem para tirar a própria vida. Não, vocês o mataram devagarinho, ao longo dos anos. Vocês são os responsáveis morais pela morte dele, e eu sinto por vocês um desgosto inigualável. Não posso lhes desejar uma merda de vida, vocês já a compartilham; mas, pelo menos, considerem esta

prisão forçada o castigo justo que aguardaria cada um de vocês. Até nunca mais, família Sperduti. S'imbora, Anto' – e, junto com o policial, saiu do apartamento da via Brocherel.

À noite, quando voltou para casa, Rocco encontrou tudo arrumado. Cecilia havia feito uma pizza de verduras; Gabriele tinha tomado banho, e na televisão o esperava um episódio de “The Walking Dead”, série sobre zumbis que Gabriele amava mais que tudo.

– Dia difícil? – Cecilia lhe perguntou, oferecendo-lhe um pouco de vinho Barbera. Rocco os olhou, segurou as mãos deles e disse:

– Sou feliz por dividir com vocês este confinamento. Bom apetite!

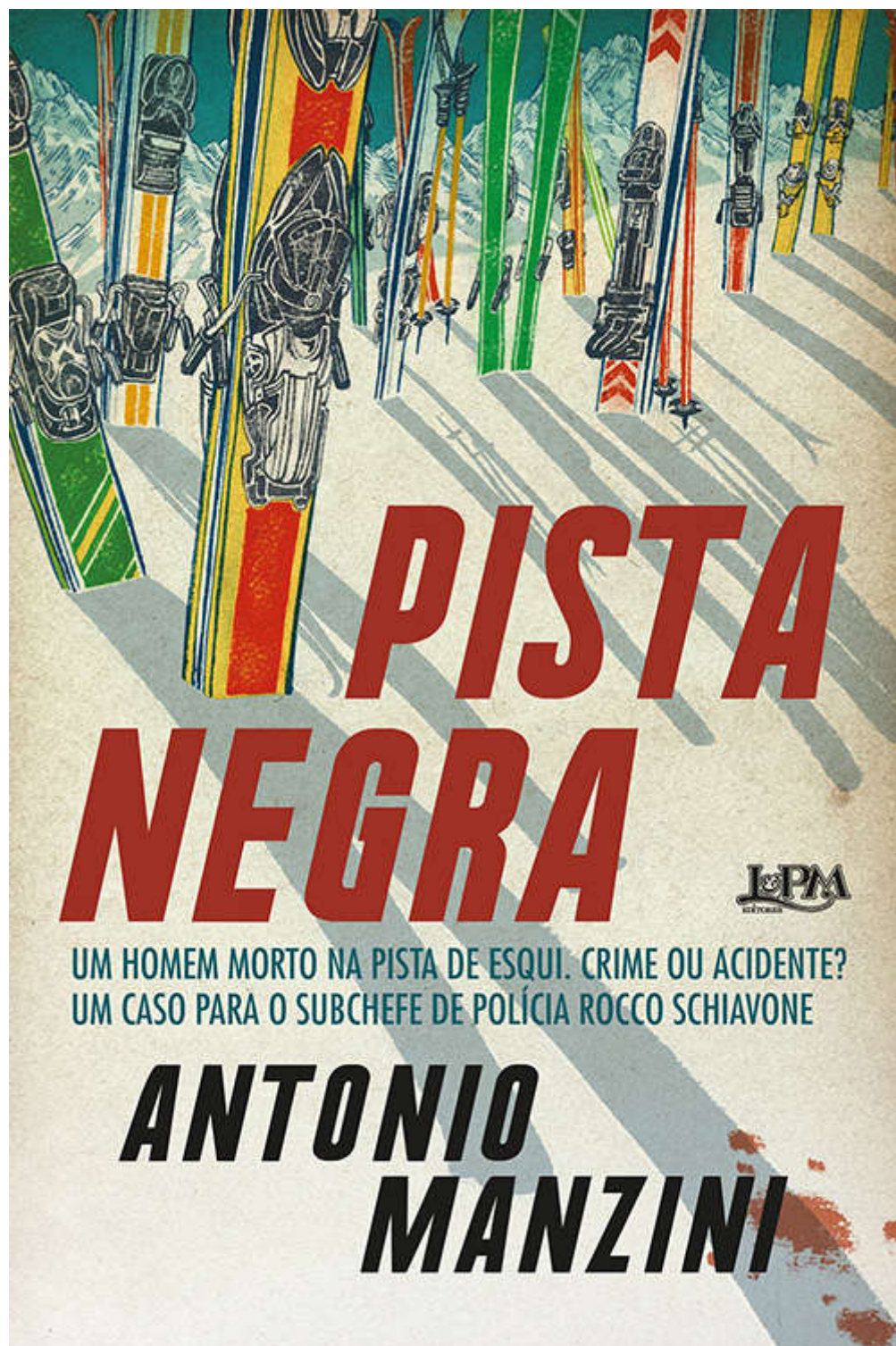
– Mas você tem de lavar as mãos! – eles lhe responderam em coro.

Aqueles dias malditos e surreais terminaram e deixaram alguma herança para os italianos. Luto, dores e lágrimas horríveis, mas também costumes louváveis para quem teve a felicidade de sobreviver a isso. Não houve mais apertos de mão, substituídos por uma inclinação da cabeça e uma reverência, gestos apreciados em uma peça de Goldoni; nas filas se ficava a um metro de distância um do outro, respeitando o espaço individual; não se beijava mais no rosto ao primeiro encontro, só a partir do quarto; espirrava-se com a mão na frente do rosto; o valor da vida não era mais associado à idade, mas tornava a ser um valor absoluto; e se começou a sair porque as pessoas queriam se encontrar e conversar com as outras, assistir a espetáculos, ouvir concertos, longe da televisão e das idiotices on-line; redescobriu-se a importância da leitura e se aprendeu a viver com os próprios familiares, esposas, maridos, companheiros, filhos, tios, avós, sogros e genros contendo um pouco o próprio egoísmo e contando até dez, no melhor dos casos. De vez em quando era preciso chegar a 754. De modo geral, todos os italianos estavam de acordo ao dizer que aquele mal havia trazido alguma coisa boa. Principalmente, não foram mais vistos intelectualoides, idiotas e disparatados on-line, mas se começou a ouvir as opiniões das pessoas sérias, preparadas, cultas e, acima de tudo, desinteressadas.

Além disso, Gabriele adquiriu o hábito de tomar um banho por dia.

¹ Tipo de sobretudo impermeável usado em lugares muito frios. (N.E.)

² Referências ao romance de Manzoni, *I Promessi Sposi* (*Os noivos*, em português). A narrativa se situa durante a epidemia de peste bubônica de 1629-1631, e em um célebre episódio Lucia, a protagonista, se despede da terra que julga que nunca mais vai ver, começando com as palavras “*Addio, monti sorgenti dall’acque...*” (Adeus, montes que se elevam da água...). (N.T.)



Leia um trecho do primeiro caso de Rocco Schiavone

Pista negra

Quinta-feira

Os esquiadores já haviam ido embora, e o sol, que mal desaparecera atrás dos cumes rochosos de um cinza-azulado, onde algumas nuvens se haviam empilhado, coloria a neve de cor-de-rosa. A lua esperava a escuridão para iluminar todo o vale até a manhã seguinte.

Os teleféricos estavam parados e os chalés nas partes mais elevadas haviam apagado as luzes. Só se ouvia o ruído dos motores dos gatos de neve que andavam para cima e para baixo para nivelar as pistas de esqui escavadas em meio aos bosques e rochedos nas encostas da montanha.

No dia seguinte começaria o fim de semana, e a estação de esqui de Champoluc ficaria cheia de turistas prontos para rasgar a neve com as lâminas. Um trabalho minucioso estava sendo feito.

Amedeo Gunelli havia sido encarregado da pista mais longa. A Ostafa. Um quilômetro de comprimento por uns sessenta metros de largura. Era a pista principal de Champoluc, a que servia tanto para instrutores de esqui com seus alunos novatos quanto aos esquiadores experientes para provar a sua habilidade. Era a que demandava mais trabalho, a que perdia o manto nevado já na hora do almoço. Na verdade, estava descoberta em muitos pontos. Pedras e terra a desfiguravam, principalmente no meio.

Amedeo havia começado do alto. Ele fazia esse serviço havia só três meses. Não era difícil. Bastava se lembrar dos comandos daquele brutamontes com esteiras e ter calma. Essa era a coisa mais importante. Calma, e nenhuma pressa.

Ele tinha colocado os fones de ouvido do iPod com os sucessos de Ligabue e tinha acendido o baseado que o chefe dos gatistas¹, Luigi Bionaz, seu melhor amigo, lhe havia dado. Era graças a ele que Amedeo tinha um emprego e levava mil euros por mês para casa. Sobre o banco ao lado ele havia colocado a garrafinha com grapa e o walkie-talkie. Tudo estava pronto para as horas de serviço.

Amedeo tirava a neve das bordas, a espalhava pelos pontos mais expostos, a cortava com as lâminas enquanto os rolos a alisavam, tornando a pista uma mesa de bilhar. Era competente, o Amedeo; só que ficar ali sozinho não era do gosto dele. Sempre se pensa que quem vive na montanha ama a vida solitária e é um pouco antissocial. Nada mais errado. Ou, pelo menos, nada de mais errado no caso de Amedeo. Ele gostava das luzes, do agito, das pessoas e de jogar conversa fora até o amanhecer.

*Una vita da medianooooo...*² cantava, se esgoelando, para fazer companhia a si mesmo. Sua voz ressoava nas janelinhas de acrílico enquanto fixava o olhar na neve que, sob os raios da lua, estava ficando cada vez mais azul. Se tivesse erguido

o olhar, teria visto um espetáculo de tirar o fôlego. O céu lá no alto estava azul-escuro, como as profundezas marinhas. Os topos das montanhas, em contraste, estavam cor de laranja. Os últimos raios oblíquos do sol coloriam as geleiras eternas de roxo e as bordas das nuvens de cinza-metálico. Sobre tudo isso dominavam, imponentes, os flancos escuros dos Alpes. Amedeo bebeu um golinho de grapa e lançou um olhar para o vale. Um presépio de estradas, casinhas e luzinhas. Um espetáculo de sonho para quem não tivesse nascido no meio daqueles vales. Para ele, um diorama esquelético e desolador.

Certe notti la radio che passa Nil Jàng sembra avere capito chi seiiii...3

Ele tinha terminado o paredão inicial. Virou a máquina para descer na direção do segundo trecho e se encontrou diante do início de uma pista negra. Metia medo. Uma extensão de gelo e de neve da qual não se via o fim.

Só quem trabalhava havia anos e manobrava o gato de neve como um triciclo se aventurava a atravessar aquela serpentina íngreme que levava à bifurcação. E, de qualquer maneira, aquele ponto ali não se alisava. Deixavam-no daquele jeito. Era estreito demais. Se as esteiras fossem mal posicionadas, você se arriscava a capotar, e aquele brutamonte cairia por cima de você com todas as suas toneladas. Os próprios esquiadores, passando e tornando a passar, acabavam alisando a neve. Só uma vez por mês alguém ia lá com as pás, quando a situação ficava dramática e era preciso de qualquer modo aplainar as massas geladas que se formavam. Caso contrário, sobre aqueles blocos e placas de gelo, ligamentos e meniscos se rompiam que era uma beleza.

O walkie-talkie apoiado no banco piscava. Alguém o estava chamando. Amedeo tirou os fones de ouvido e pegou o rádio.

– Amedeo falando.

A engenhoca chiou, depois em meio à estática surgiu a voz do chefe, Luigi:

– Amedeo, onde é que você está?

– Estou bem na frente do paredão, no alto.

– Já está bom assim. Desça pro vale e faça o trecho lá embaixo, no povoado. Eu cuido de lá de cima.

– Obrigado, Luigi.

– Escute – acrescentou Luigi –, lembre que, para descer ao povoado, você tem que pegar o atalho.

– Você quer dizer a estradinha?

– É, aquela que sai do Crest; assim você não passa pela pista que o Berardo está fazendo. Passe pelo atalho, entendeu?

– Entendido. Obrigado!

– Obrigado, o quê! Você me deve um vinho branco antes do jantar.

Amedeo sorriu.

– Prometido!

Tornou a colocar os fones, engatou a primeira marcha e saiu da pista.

*Balliamo un fandango*⁴... ohhhh... voltou a cantar.

No céu, as nuvens haviam se compactado de repente e tinham escondido a lua. É sempre assim, na montanha basta um segundo e o tempo muda com a velocidade do vento nas alturas. Amedeo sabia disso. A previsão para o fim de semana era péssima.

Os faróis potentes da máquina iluminavam a pista e a massa de troncos de abetos e lariços nas bordas. Entre os ramos escuros das árvores ainda se viam as luzes de Champoluc.

*Balliamo sul mondooooo ooh.*⁵

Tinha de passar na frente da escola de esqui e das garagens dos gatos para depois descer na direção do povoado e recomeçar a arrumar a pista lá de baixo.

Jogou a guimba queimada do baseado pela janelinha. Nesse instante, os faróis de outro gato o atingiram. Colocou a mão na frente dos olhos. O veículo que vinha em sentido contrário se aproximou. Era Berardo, um colega seu.

– Que é isso, tá maluco? Você me deixou cego!

– Eh... eh... – o idiota dava risadinhas.

– Escute, o Luigi cuida lá do alto. Eu vou descer para fazer o fim da pista, na cidadezinha.

– Entendi – respondeu Berardo, que já estava com o nariz vermelho –, e esta noite tomamos um vinhozinho branco lá no Mario e Michael?

– Eu tenho de pagar para o Luigi, é a minha vez. Vou descer lá pro fim da pista! – berrou Amedeo.

– Passe pela estradinha do Crest, que a pista lá embaixo eu já fiz!

– Tranquilo, passo pelo atalho! Até mais!

Berardo prosseguiu pela estrada. Amedeo, por causa das ordens recebidas, virou na direção do Crest, um pequeno aglomerado de chalés acima das pistas. Quase todos estavam desabitados, com exceção de um refúgio e umas pequenas *villas* de genoveses que amavam o esqui mais que a sua cidade. Dali, passando pelos bosques, chegaria ao atalho que o conduziria oitocentos metros mais para baixo. Daria uma alisada na chegada da pista lá no povoado e depois, finalmente, teria o vinhozinho branco e as conversas e risadas com os ingleses já bêbados. Passou pelas poucas luzes do vilarejo. Deixou-o para trás. A estradinha que servia para a passagem dos gatos era clara e visível.

*Ti brucerai, piccola stella senza cielo...*⁶

Começou a descer devagar por aquele caminho que só no verão era usado pelos 4x4 para chegar ao vilarejo de Crest. Os faróis colocados no teto iluminavam o

atalho como se fosse a luz do dia. A possibilidade de sair da pista era praticamente nula.

Ti brucerai...

Nenhum problema. As esteiras funcionavam à perfeição. Apenas a cabine havia se inclinado como um carrossel do Luna Park. Mas até era divertido.

Ti bruceraiiii...

E então a lâmina bateu em alguma coisa dura e o gato balançou nas esteiras. Amedeo se virou para ver o que o veículo havia atingido. Uma pedra, ou terra. Pela janela traseira, as luzes iluminavam a neve revirada da trilha.

Havia algum problema, ele percebeu na hora, bem no meio da estradinha.

Um borrão sujo com pelo menos uns dois metros de comprimento.

Freou.

Tirou o iPod, desligou o motor e desceu para verificar.

Silêncio.

Os sapatos pesados afundavam na neve. No centro da estradinha havia uma mancha.

– Caramba, que que é isso?

Foi andando. À medida que se aproximava, o borrão no meio do atalho mudava de cor. Primeiro, parecia negro; outras vezes parecia arroxeadado. O vento soprava debilmente entre os galhos dos abetos e espalhava penas por todos os lados.

“Uma galinha? Atropelei uma galinha!?”, pensou Amedeo.

Continuava a andar pela neve alta, afundando uns dez centímetros a cada passo. As penas sobre a neve se erguiam em pequenos rodamosinhos. Agora a mancha havia ficado marrom.

“Mas que merda é essa que eu atropelei? Um animal?”

E não tinha visto? Com aqueles sete faróis halógenos? Além do mais, com o barulho o bicho teria fugido.

Estava quase pisando na mancha com os sapatos pesados quando finalmente viu do que realmente se tratava: um borrão de sangue vermelho, misturado ao manto imaculado da neve. Era enorme, e, a não ser que tivesse atropelado um galinheiro inteiro, para uma ave só todo aquele sangue era demais.

Contornou a mancha até chegar ao ponto onde o vermelho era mais intenso, quase brilhante. E se abaixou para olhar melhor.

E viu.

Saiu correndo, mas não conseguiu chegar ao bosque. Vomitou por todo o atalho do Crest.

Um telefonema no celular àquela hora da noite era uma encheção de saco, tão certo como uma carta registrada da Equitalia.[7](#) O subchefe Rocco Schiavone, nascido em

1966, estava deitado na cama e fitava a unha do dedão do pé direito. Tinha ficado preta. Culpa da caixa do arquivo que D’Intino havia deixado cair sobre o pé dele enquanto procurava, histórico, um pedido de passaporte. O doutor Schiavone odiava o policial D’Intino. E, naquela tarde, depois da enésima pisada de bola do policial, tinha prometido a si mesmo e a todos os cidadãos de Aosta que faria de tudo para mandar aquele idiota para alguma delegacia perdida no meio da Basilicata.

O subchefe esticou o braço e agarrou o Nokia que não parava de tocar. Olhou a tela. O número era o da sede da polícia.

Uma encheção de saco de oitavo grau. Se não fosse do nono.

Rocco Schiavone tinha uma escala muito especial de avaliação das encheções de saco que a vida, insensivelmente, lhe infligia a cada dia. A escala começava do sexto grau, ou seja, tudo aquilo que dissesse respeito às tarefas domésticas. Ida a lojas, encanadores, aluguel. No sétimo se encontravam, por sua vez, os centros comerciais, o banco, os correios, os laboratórios de análises clínicas, os médicos em geral, com uma atenção especial aos dentistas, para terminar com os jantares de negócios ou com a família, que, pelo menos esta, com a graça de Deus, tinha ficado em Roma. O oitavo grau compreendia em primeiro lugar falar em público, depois as questões burocráticas do serviço, a encenação, prestar contas a comissários ou magistrados. No nono, as tabacarias fechadas, os bares sem sorvetes Algida, encontrar alguém que começasse a tagarelar sem parar e, acima de tudo, as tocaias com policiais que não tomavam banho. Depois, por último, havia o décimo grau da escala. O *non plus ultra*, a mãe de todas as encheções de saco: o caso que lhe jogavam nas costas.

Ele se apoiou com o cotovelo no colchão e respondeu:

– Quem tá me enchendo?

– Doutor, é o Deruta.

O agente Deruta. Cem quilos de massa corpórea inútil, competindo com D’Intino para ver quem era o mais incompetente da delegacia.

– O que você quer, Michele? – berrou o subchefe.

– Temos um problema. Nas pistas de Champoluc.

– Onde temos um problema?

– Em Champoluc.

– E onde fica isso?

Rocco Schiavone havia sido mandado para Aosta em setembro, vindo da delegacia Cristoforo Colombo, em Roma. E depois de quatro meses, tudo que ele conhecia do território de Aosta e da província ao redor eram sua casa, a delegacia, a procuradoria e o restaurante dos artistas.

– Champoluc fica em Val d’Ayas! – respondeu Deruta, quase escandalizado.

- Mas o que é que isso quer dizer? O que é Val d’Ayas?
- O Val d’Ayas, doutor, o vale acima de Verres. Champoluc é o povoado mais famoso. Onde se esquia.
- Tá bom. Mas e daí?
- Umas horas atrás encontraram um cadáver.

Um cadáver.

Schiavone deixou cair no colchão a mão que segurava o celular e fechou os olhos, xingando entredentes:

- Um cadáver...

Décimo grau. Era mesmo uma encheção de saco de décimo grau. E talvez até *cum laude*.⁸

- Está me ouvindo, doutor? – esganiçava o telefone.

Rocco levou o aparelho ao ouvido. Bufou.

- Quem vai comigo?

- Escolha. Eu, ou o Pierron.

- Italo Pierron, sem a menor sombra de dúvida! – respondeu rapidamente o subchefe.

Deruta recebeu a ofensa com um silêncio prolongado.

- Deruta? Você dormiu?

- Não; pode falar, doutor.

- Diga pro Pierron vir com a BMW.

- Talvez, para a montanha, seja melhor o jipe, não?

- Não. A BMW é confortável, tem aquecimento, o rádio funciona, e gosto dela. No jipe vão os infelizes da florestal.

- Então mando o Pierron pegar o senhor em casa?

- E fale para ele não interfonar.

Jogou o telefone na cama e fechou os olhos, pondo a mão sobre eles.

Percebeu o rumorejar da camisola de Nora. Depois o peso dela sobre o colchão. Depois os lábios dela e o hálito morno na sua orelha. E, por fim, os dentes no lóbulo. Em outro momento, a atividade certamente o teria excitado, mas nesse momento as preliminares de Nora o deixaram totalmente indiferente.

- O que está acontecendo? – perguntou Nora, com um fio de voz.

- Era da delegacia.

- E?

Rocco se ergueu e se sentou na cama sem nem olhar a mulher. Lentamente, calçou as meias.

- Não pode falar?

- Não estou com vontade. Serviço. Deixa pra lá.

Nora consentiu. Afastou um cacho de cabelo que havia caído sobre os olhos.

– E você tem de ir embora?

Rocco finalmente se voltou para olhá-la.

– E o que você acha que eu estou fazendo?

Nora estava ali, deitada na cama. O braço apoiado na cabeça deixava à mostra a axila perfeitamente depilada. A camisola de cetim cor de vinho lhe acariciava o corpo, destacando com jogos de sombra e de luz as curvas generosas. Os cabelos longos, lisos e castanhos emolduravam o rosto branco como a neve. Os olhos negros pareciam duas azeitonas pugliesi recém-colhidas da árvore. Os lábios eram finos, mas ela sabia passar o batom de forma que parecessem mais grossos. Nora, um belíssimo exemplar de mulher que mal havia passado dos quarenta anos.

– Mas você podia ser um pouco mais gentil.

– Não – respondeu Rocco. – Não posso. É tarde, tenho de ir para o meio das montanhas, a noite com você foi pros quintos dos infernos, e talvez em pouco tempo até comece a nevar!

Ele se levantou da cama com um salto e foi sentar-se na poltrona para calçar os sapatos: Clarks – Rocco Schiavone não conhecia outro tipo de sapato. Nora permaneceu deitada na cama. Ela se sentia um pouco ridícula, maquiada e vestida de cetim. Uma mesa posta para nenhum convidado. Sentou-se.

– Que pena. Para o jantar, eu tinha preparado *raclette* pra você.

– O que é? – perguntou, emburrado, o subchefe.

– Você nunca comeu? É um prato de queijo fontina derretido que se come com alcachofras, azeitonas, pedacinhos de salame.

Rocco se levantou para vestir o suéter de gola careca.

– Uma comida leve, então.

– A gente se vê amanhã?

– E eu vou lá saber, Nora! Não sei nem onde vou estar amanhã.

Ele saiu do quarto. Nora suspirou e se levantou. Alcançou-o na frente da porta. E sussurrou:

– Te espero.

– E eu sou o quê, um ônibus? – Rocco lhe disse. Depois sorriu. – Desculpe, Nora, não é o momento. Você é uma mulher muito linda. Com certeza, a atração número um de Aosta.

– Depois do arco romano.

– Eu já estou cansado de olhar as pedras romanas. De você, não. – Beijou-a rapidamente na boca e fechou a porta.

Nora deu risada. Rocco Schiavone era desse jeito. Era pegar ou largar. Olhou o relógio que ficava no hall de entrada. Ainda dava tempo de telefonar para Sofia e ir ao cinema. E depois, talvez, uma pizza.

Rocco saiu do portão e sentiu como uma mão gelada lhe agarrando o pescoço.

– ...frio do cão!

Tinha deixado o carro a cem metros do portão. Os pés nos Clarks já estavam gelados pelo contato com a calçada coberta por uma camada branca de neve suja. Um vento cortante soprava, e pelas ruas não havia ninguém. Entrou no Volvo e a primeira coisa que fez foi ligar o aquecimento. Bafejou as mãos. Cem metros tinham sido o suficiente para ficarem congeladas.

– ...frio do cão! – repetiu como um mantra, e as palavras, junto com a respiração, foram grudar no para-brisa, embaçando-o. Ligou o motor a diesel, o botão para desembaçar o vidro e fixou o olhar numa lâmpada de rua que oscilava ao vento. No feixe de luz passavam grânulos de neve que atravessavam a escuridão como poeira de estrelas.

– Tá nevando! Eu sabia!

Engatou a marcha a ré e saiu de Duvet.

Quando estacionou na frente de casa, na rua Piave, a BMW com Pierron a bordo já estava lá com o motor ligado. Rocco se enfiou no habitáculo que o policial havia deixado a 23 graus. Uma agradável sensação de bem-estar o envolveu como um cobertor de lã.

– Italo, você não interfonou na minha casa, né?

Pierron engatou a marcha.

– Não sou idiota, comissário.

– Muito bom. Mas você tem de perder esse vício. Não existe mais comissário.

Os limpadores de para-brisa afastavam os flocos de neve do vidro.

– Se aqui está nevando, imagina só lá em Champoluc – disse Pierron.

– Fica no alto?

– A 1.500 metros.

– Coisa de louco! – O máximo de altitude acima do nível do mar que Rocco Schiavone já tinha alcançado durante sua vida eram os 137 metros do Monte Mario. Excluindo, é claro, os últimos quatro meses com os 577 metros de Aosta. Não conseguia nem imaginar que alguém fosse capaz de viver a 2 mil metros acima do nível do mar. Uma coisa de deixar a cabeça tonta.

– O que eles fazem a 1.500 metros?

– Esquiam. Escalam as geleiras. No verão, fazem passeios.

– Mas que coisa. – O subchefe pegou um Chesterfield do maço do policial. – Eu gosto de Camel.

Italo sorriu.

– O Chesterfield tem gosto de ferro. Compre Camel, Italo – acendeu e deu uma tragada. – Nem tem estrelas – disse, olhando para fora da janela.

Pierron se concentrava na direção. Sabia que agora começaria a cantilena da nostalgia. E, de fato, aconteceu isso mesmo.

– Em Roma, neste período, faz frio, mas muitas vezes sopra o vento norte, que afasta as nuvens. E então faz sol. Faz sol e faz frio. A cidade fica vermelha e cor de laranja, o céu azul, e é lindo andar pelas ruas pisando nos *sampietrini*.⁹ Todas as cores aparecem quando sopra o vento norte. Como um pano que tira o pó acumulado num quadro antigo.

Pierron olhou para o céu. Ele só havia estado em Roma uma vez, cinco anos antes, e tinha vomitado por três dias seguidos por causa do mau cheiro.

– E além de tudo, xereca. Você não imagina a quantidade de xereca que tem em Roma. Olha, talvez só em Milão. Você já esteve em Milão?

– Não.

– Que pena. Vá lá. É uma cidade esplêndida. Você só tem que entendê-la.

Pierron sabia escutar. Homem da montanha, sabia ficar de boca fechada quando era para ficar de boca fechada, e falar quando, ao contrário, era hora de abrir a boca. Com 27 anos, aparentava ter dez a mais. Nunca tinha saído do Vale de Aosta, com exceção daqueles dias em Roma e uma semana em Djerba com Veronica, a namorada da época.

Italo gostava de Rocco Schiavone. Porque ele não tinha frescura, e com ele sempre se aprendia alguma coisa. Mais cedo ou mais tarde perguntaria ao subchefe, que ele teimava em chamar de comissário, o que havia acontecido em Roma. Mas Italo achava que o relacionamento entre eles era muito recente, ainda não era o momento de entrar em detalhes. Por enquanto, tinha contentado sua curiosidade dando uma olhada nos papéis e nos relatórios. Rocco Schiavone havia resolvido uma bela quantidade de casos, homicídios, roubos, fraudes, e parecia destinado a uma carreira brilhante. Entretanto, de repente, a estrela Schiavone havia caído, precipitada com uma transferência rápida e silenciosa para o Vale da Aosta por motivos disciplinares. Mas o que havia causado aquela mácula no currículo de Rocco Schiavone ele não tinha conseguido entender. Os policiais na delegacia tinham falado do assunto. Caterina Rispoli tendia a achar que fora a arrogância de Schiavone. “Ele deve ter pisado nos calos de alguém lá de cima, em Roma é fácil.” Deruta, por outro lado, tinha certeza de que ser bom demais e não ter um pistolão causava problemas. D’Intino suspeitava de uma história de corno. “Talvez tenha botado a mão numa mulher em quem não devia encostar.” Italo, pelo contrário, tinha uma suspeita e a guardava somente para si. Ela tinha origem no endereço residencial de Rocco Schiavone. Via Alessandro Poerio. Gianicolo. O metro quadrado das casas custava mais de 8 mil, como seu primo, corretor de imóveis em Gressoney, lhe havia dito. E não se compra uma casa naquele bairro com um ordenado de subchefe de polícia.

Rocco apagou o cigarro no cinzeiro.

– Em que você está pensando, Pierron?

– Em nada, doutor. Na estrada.

E Rocco ficou em silêncio, olhando a estrada pontilhada pelos flocos de neve.

Da estrada principal de Champoluc, olhando para o alto, dava para ver uma mancha de luz no meio dos bosques. Era o local onde o cadáver havia sido encontrado, iluminado pelos faróis halógenos. E, forçando a vista, dava para discernir as sombras dos policiais e dos gatistas que se alvoroçavam. A notícia havia circulado com a velocidade do vento da montanha. E todos estavam na base do teleférico com os narizes virados para o bosque, na metade da encosta, cada qual com a mesma pergunta, que dificilmente teria uma resposta em pouco tempo. Os turistas ingleses bêbados, os italianos de rosto preocupado. Os nativos, usando seu dialeto local, davam risadinhas pensando nas hordas de milaneses, genoveses e piemonteses que, no dia seguinte, dariam de cara com as pistas fechadas.

A BMW guiada por Pierron se deteve ao pé do teleférico. Tinha levado uma hora e meia de Aosta.

Subindo a estrada cheia de curvas fechadas, Rocco Schiavone havia observado a paisagem. Os bosques negros, os montes de pedras vomitados pelas encostas rochosas montanha abaixo como rios de leite. Pelo menos, durante aquela escalada infinita, na altura de Brusson havia parado de nevar, e a lua flutuando desimpedida no céu incidia sobre o manto imaculado que refletia as luzes. Parecia que haviam salpicado pequenos diamantes em meio à paisagem.

Envolto em seu *loden*¹⁰ verde, Rocco desceu do carro e na mesma hora sentiu a neve mordendo as solas dos seus sapatos.

– Comissário, é lá em cima. Eles já estão vindo nos pegar com o gato – disse Pierron, indicando os faróis parcialmente escondidos pelas árvores na metade da encosta.

– O gato? – perguntou Rocco, respirando com dificuldade entre os dentes que batiam por causa do frio.

– É, o veículo com esteiras que alisa as pistas.

Schiavone respirou fundo. “Que bosta de lugar pra ir morrer”, pensou.

– Italo, me diz uma coisa. Como é possível que, no meio de uma pista, ninguém tenha percebido que havia um corpo? Quero dizer, as pessoas não passam por lá com o esqui?

– Não, comissário... desculpe, subchefe – Pierron se corrigiu na mesma hora. – Eles o encontraram no bosque, bem no meio de um atalho. Lá não passa ninguém. A não ser o pessoal com os gatos.

– Ah. Entendi. Mas então, quem é que vai enterrar um cadáver lá em cima?

– É o que senhor vai descobrir – Pierron encerrou a conversa com um sorriso ingênuo.

O barulho de um martelo pneumático encheu o ar frio e limpo. Não era um martelo pneumático. Era o gato de neve que vinha chegando. Ele parou na base do teleférico com o motor ligado soltando uma densa fumaça que vinha do silenciador.

– Esse é o gato, certo? – perguntou Rocco. Um negócio desses ele só havia visto nos filmes ou nos documentários sobre o Alasca.

– É. E agora ele leva a gente lá para cima, comissário! Subchefe, desculpe.

– Escute, faça uma coisa, já que não entra mesmo na sua cabeça. Você me chama como quiser, você sabe que estou pouco me lixando. Mas – prosseguiu Rocco, olhando o veículo com esteiras –, por que é que chamam de gato, se parece um tanque de guerra?

Italo se limitou a dar de ombros.

– E vamos subir nesse gato, vamos nessa!

O subchefe olhou para os próprios pés. Os Clarks estavam completamente encharcados, a pele de camurça havia absorvido água, e a umidade estava penetrando em suas meias.

– Doutor, eu tinha dito que o senhor devia comprar um par de sapatos adequados.

– Pierron, não me encha o saco. Eu não uso nem morto aquelas betoneiras que vocês usam nos pés.

Eles avançaram entre os montes de neve e os buracos provocados pelas derrapagens dos esquiadores. O gato, com as luzes fixadas sobre o teto estreito, parado no meio da neve, parecia um grande inseto mecânico pronto para agarrar uma presa.

– Doutor, apoie o pé na esteira e entre – gritou o gatista, sentado no banco do condutor na cabine revestida de acrílico.

Rocco obedeceu. Sentou-se na cabine, logo seguido por Pierron. O condutor fechou a porta e engatou a marcha.

Rocco percebeu um fedor de álcool misturado com suor.

– Sou Luigi Bionaz, o chefe dos gatos aqui em Champoluc – disse o condutor.

Rocco se limitou a olhá-lo. O tipo estava com uma barba de uns dois dias e tinha os olhos claros e etílicos.

– Luigi, você está bem?

– Por quê?

– Porque antes de eu partir neste seu treco, quero saber se você está bêbado.

Luigi o encarou com os olhos arregalados, tão grandes quanto os faróis do gato de neve.

– Eu?

– Estou pouco me importando se você bebe ou fuma baseado. Só não estou a fim de morrer neste calhambeque a 1.500 metros de altitude.

– Não, doutor, tá tudo certo. Eu só bebo à noite. O cheiro que o senhor tá sentindo pode ser que seja de algum dos rapazes que usou o veículo hoje à tarde.

– E como não – disse, cético, o subchefe. – Tudo bem. Vamos nessa.

O gato subiu para a pista de esqui. Iluminado pelos faróis, Rocco via um paredão de neve à sua frente, e não podia acreditar que aquele paquiderme conseguisse escalar uma subida tão íngreme.

– Mas me diga uma coisa. A gente não vai acabar de pernas pro ar?

– Não se preocupe, doutor. Estes brutamontes sobem encostas com inclinação de mais de quarenta por cento.

Fizeram uma curva e se viram no meio dos bosques. A luz dos faróis roçava o manto macio e os troncos negros das árvores que sufocavam a pista.

– Quanto esta pista tem de largura?

– Uns cinquenta metros.

– E em um dia normal, quantas pessoas passam por aqui?

– Isso a gente tem de perguntar para o escritório central. Eles sabem quantos bilhetes de esqui diários eles vendem. Dá para fazer uma conta, mas não é tão preciso.

O subchefe concordou. Enfiou as mãos nos bolsos, tirou um par de luvas de couro e as calçou. A pista virava à direita. Pierron não dizia uma palavra. Olhava para o alto, parecia estar procurando uma resposta entre os ramos dos abetos e dos lariços. A subida prosseguiu, acompanhada apenas pelo rugido do motor. Depois, finalmente, no meio de um descampado, surgiram as barreiras colocadas pelos policiais em volta do local onde o corpo fora encontrado.

O gato abandonou a pista e entrou no bosque. Sacolejou ao passar por raízes e pelas depressões no terreno.

– Escute, quem encontrou o corpo? – perguntou Rocco.

– Amedeo Gunelli.

– E posso falar com ele?

– Sim, comissário, ele está esperando lá embaixo na estação do teleférico. Ainda não se recuperou – respondeu Luigi Bionaz enquanto parava o veículo. Finalmente desligou o motor.

Mal colocou os pés na neve, o subchefe Rocco Schiavone percebeu que estava certo seu colega ao usar os sapatos de sola isolante, aqueles que Rocco chamava de betoneiras. E que realmente se pareciam muito com duas betoneiras. O gelo mordeu a planta dos seus pés, que agora formigavam por causa do frio, e o choque lhe percorreu os nervos do calcanhar até o cérebro. Respirou. O ar era ainda mais rarefeito do que no vale. A temperatura, muito abaixo de zero. As cartilagens das

orelhas pulsavam, e o nariz já havia começado a escorrer. A inspetora Caterina Rispoli se aproximou com passos rápidos.

– Subchefe.

– Inspetora.

– Casella e eu isolamos o local.

Rocco assentiu. Olhou o rosto da inspetora Rispoli, que mal aparecia sob o chapéu enfiado até as orelhas. O rímel e o delineador escorriam como de uma máscara de cera.

– Fique aqui, inspetora. – Então se voltou. Lá embaixo se viam as luzes da cidade. À sua direita estava o gato guiado por Amedeo, ainda parado no meio do bosque onde o pobre coitado o abandonara horas antes.

Caminhando com a neve quase até os joelhos, Rocco se aproximou do brutamontes. Examinou a dianteira. Passou a mão, examinou-o atentamente, quase como se estivesse decidido a comprá-lo. Depois se agachou e olhou por baixo das esteiras cobertas de neve fresca. Assentiu algumas vezes e se dirigiu ao local onde o corpo fora encontrado.

– O que o senhor estava olhando, doutor? – perguntou Italo, mas o subchefe não respondeu.

Um policial com os esquis nas costas foi ao encontro dele com agilidade, apesar dos sapatos com grampos rígidos e pesados:

– Comissário! Sou o agente Cacioppo!

– Merda, mais um nativo!

O jovem sorriu.

– Eu isolei o local.

– Muito bem, Cacioppo. Agora, me diga, onde é que você aprendeu a esquiar?

– Em Roccaraso. Minha família tem casa lá. O senhor é de Roma, comissário?

– Trastevere. E você?

– Vomero.

– Bom. Vamos ver o que temos aqui.

O que eles tinham? Um corpo semicongelado sob uns dez centímetros de neve. Chamá-lo de corpo era eufemismo. Noutros tempos, talvez tivesse sido. Uma confusão de carne, nervos e sangue esmagados pelas esteiras do gato de neve. E, em volta, havia as penas. Por todo lado. O subchefe segurou com força o *loden* junto do corpo. O vento, ainda que moderado, penetrava pela gola e lhe acariciava o pescoço, deixando uma fileira de pelos em posição de sentido como soldados enfileirados diante de um general. O joelho de Rocco já estava doendo, aquele que ele destruíra aos quinze anos, jogando a última partida com seu time, o Urbetevere

Futebol. Inclinado sobre o morto estava Alberto Fumagalli. O legista de Livorno, que com uma caneta afastava os farrapos do casaco acolchoado do pobre infeliz. O subchefe se aproximou sem cumprimentá-lo. Há quatro meses, desde o dia do primeiro encontro entre eles, não se cumprimentavam. A troco de quê começar agora?

– O que é esse monte de plumas? – perguntou Rocco.

– O enchimento do casaco acolchoado – respondeu Alberto, inclinado sobre o cadáver.

Não dava para distinguir o rosto do infeliz. Um braço havia sido cortado rente, e a caixa torácica se abrira com a pressão e o peso do veículo, jogando para fora o conteúdo.

– Que estrago – disse Rocco, em voz baixa.

Fumagalli balançou a cabeça.

– Tenho de levá-lo para a sala de autópsia. Dou uma olhada nele e depois falo com você. Assim, à primeira vista... hum! Aquele treco o massacrou. Só para pôr em ordem todos os pedaços, já viu o trabalho que vai ser! Mas agora, como estou congelado e de saco cheio, vou descer e beber alguma coisa quente. De qualquer modo, é um homem.

– Até aí eu também tinha chegado.

Alberto lançou um olhar de esguelha para Rocco.

– Posso terminar? É um homem de uns quarenta anos. O relógio está marcando sete e meia. E, na minha opinião, foi quando aquele tanque de guerra passou por cima dele.

– Concordo.

– Não tem documentos. Tem um monte de feridas. Mas, sabe de uma coisa, Schiavone?

– Diga lá, Fumagalli.

– Tem sangue por aí.

– Até demais. E daí? – perguntou Rocco.

– Está vendo? O sangue, com todos os seus componentes, água e células, congela a zero grau Celsius. Mas, nos laboratórios, por segurança ele é mantido a quatro graus negativos. Então, o que você tem de pensar é que aqui no alto estamos a zero grau, entende? Zero grau centígrado. E, no entanto, o sangue ainda está bem líquido, eu diria. Portanto, isso quer dizer que ele não morreu há muito tempo.

O subchefe assentiu em silêncio. Estava olhando a mão esquerda do cadáver. Grande. Calosa. Ela o fazia pensar nas mãos de seu pai, massacradas por anos de tintas e soluções ácidas da gráfica. Na mão esquerda do morto faltavam três dedos. A direita, por outro lado, estava a uns dez metros do resto daquele corpo ainda anônimo.

– Já vi ouriços atropelados na estrada em estado melhor! – disse Schiavone, e a respiração saiu densa e compacta de sua boca. Depois, ele finalmente voltou o olhar para o lugar isolado pelos agentes.

Estava uma confusão.

Além das marcas profundas deixadas pelo gato, havia pegadas por todo lado. A dez metros, no limiar do bosque, tinha até mesmo um agente que estava fazendo xixi em um tronco. Estava de costas, e Rocco não conseguia ver quem era.

– Ei! – gritou.

O agente se virou. Era Domenico Casella.

– Mas que porra você está fazendo? – Rocco berrou com ele.

– Xixi, doutor!

– Muito bem, Casella. Assim você deixa feliz o pessoal da científica!

Fumagalli deu uma olhada em Casella e Cacioppolo, que estava com os esquis nas costas a uma distância segura para não ver os restos esmagados.

– Vocês são um bando de veados! – resmungou o médico de Livorno.

– Eu é que digo isso. Ninguém ensinou nada a vocês?

Casella puxou o zíper da calça e se aproximou do subchefe.

– Não, é que eu não aguentava mais. E, além do mais, doutor, ninguém disse que mataram o cara aqui, não?

– Pronto, temos um Sherlock Holmes por aqui! Vá tomar no rabo, Casella. Fique longe daqui e vá para perto do gato de neve, lá você não faz bobagem. Lá, perto da inspetora Rispoli. Vamos! Você encostou em mais alguma coisa?

– Não.

– Muito bem. Fica ali, tranquilo e sentado – então Rocco esticou os braços, desconsolado. – Sabe de uma coisa, Alberto?

– Diga.

– Daqui a pouco você vai ouvir o pessoal da científica, quando eles encontrarem impressões digitais dos nossos homens, urina, pelos, cabelos. Que, no fim das contas, se o homicida tivesse até mesmo defecado no chão, eles não teriam condição de chegar a uma evidência. E graças a imbecis como Casella... e você também, Cacioppolo! Você diz que isolou o lugar, e aí?

Cacioppolo abaixou a cabeça.

– Olha só o que você fez! Há pegadas suas em volta do cadáver, na estrada, em todos os cantos! Santa mãe de Deus! Depois reclamam que a gente fica de saco cheio e desiste de tudo!

Os sapatos estavam encharcados. O frio aumentava de maneira exponencial à medida que se passavam os minutos. O zero grau de Fumagalli era apenas uma recordação, e o vento continuava a irritá-lo até por baixo da camiseta térmica. Rocco gostaria de estar a pelo menos uns seiscentos quilômetros dali, talvez no

restaurante Gusto na via della Frezza, no Antonio, a dois passos das margens do Tibre, comendo peixe frito e steak tartare acompanhados por uma garrafa de Verdicchio di Matelica.

– Mas é possível que seja um esquiador? – perguntou, para dissipar a tensão, o agente Pierron, que até aquele momento se mantivera a uma distância segura do morto.

Rocco o olhou com todo o desprezo acumulado em quatro meses de exílio:

– Italo, ele está de sapatos! Você já viu alguém esquiar com sapatos de couro com sola de borracha?

– Não, daqui eu não estava vendo. Desculpe! – respondeu Italo, abaixando a cabeça.

– Então, em vez de ficar falando merda, dê dois passos pra frente e olhe! Faça o seu serviço!

– Eu recusaria de bom grado, comissário!

Rocco se entristeceu. Olhou o legista nos olhos:

– Eles me dão esses caras, e é com eles que preciso me virar. Tudo bem, Alberto, obrigado. Você me telefone assim que souber de alguma coisa. Vamos torcer para que ele tenha morrido de infarto, tenha caído e depois a neve o cobriu.

– Vamos torcer – disse Alberto.

Rocco deu uma última olhada no cadáver.

– Manda um abraço meu pro pessoal da científica – e deu meia-volta para ir embora.

Mas alguma coisa o atingira, como um inseto quando a gente anda de motoneta sem para-brisa. Deu meia-volta de novo.

– Alberto, você que é um homem do mundo... Acha que ele estava usando roupas apropriadas?

Alberto fez uma careta.

– Bem, as calças são acolchoadas. O casaco também, é coisa boa. Um North Face Polar. Custa um bocado de dinheiro. Eu comprei um igual para a minha filha. Mas é vermelho.

– E?

– Mais de quatrocentos euros.

Rocco se inclinou novamente sobre o corpo semicongelado.

– Está sem luvas. Por quê?

Alberto Fumagalli estendeu os braços. O subchefe se levantou.

– Vamos pensar nisso. Vamos pensar.

– Bom, comissário – disse Cacioppo, que estava apoiado nos bastões de esqui, escutando –, talvez seja alguém que morava numa das casinhas no Crest. Está vendo? Ficam a uns duzentos metros.

Rocco olhou o pequeno aglomerado de telhados escondidos em meio à neve.

– Ah. Tem gente que vive lá?

– Sim.

– No meio do nada? Nossa...

– Se a pessoa ama a montanha, aquele é um lugar para poucos, sabe?

Rocco Schiavone fez uma careta de reprovação.

– Pode ser, Cacioppolo, pode ser. Muito bem.

– Obrigado.

– Mas também pode ser que tenha morrido em outro lugar e que o tenham trazido para cá. Não?

Cacioppolo ficou pensativo.

– Mesmo se... – acrescentou Rocco – ...então, o casaco acolchoado, colocaram nele depois. Porque ninguém morre em lugar fechado com um casaco grosso desses. Ou não? Ou talvez estivesse pronto para sair e foi morto? Ou talvez tenha ido se encontrar com alguém, mal teve tempo de tirar as luvas e foi morto? – Rocco olhava Cacioppolo sem vê-lo. – Ou então não o mataram; ele morreu por causa de algum problema dele e eu falando um monte de merda. Não é, Cacioppolo?

– Comissa, o senhor é quem diz.

– Obrigado, agente. Vamos verificar isso também. E embora eu não saiba se você lê as circulares, se você se informa... mas no corpo policial não existe mais comissário. Agora nós somos chamados de subchefes. Mas é só pra informar. Pra mim, não faz a menor diferença!

– Sim, senhor.

– Cacioppolo, mas por que é que alguém que nasce em Nápoles, tem Capri Ischia e Procida a meia hora de balsa, Positano e a costa, vem morrer de frio nestas bandas?

Cacioppolo o olhou e deu um sorriso atrevido com todos os dentes brancos nos devidos lugares.

– Comissa, *pardon*, subchefe. Como é que diz o ditado? Tem uma coisa que puxa o carro com mais força que uma parelha de bois...

– Entendi. – Rocco olhou o céu escuro, onde as nuvens corriam para cobrir as estrelas. – E você a encontrou no meio das montanhas?

– Não. Em Aosta. Tem uma sorveteria.

– Uma sorveteria? Em Aosta?

– É. Veja, até aqui o verão chega.

– Ainda não sei. Cheguei no fim de setembro.

– Tenha fé, doutor. Chega, chega! E é muito lindo.

Rocco Schiavone saiu andando na direção do gato que o esperava para levá-lo de volta ao vilarejo. Os pés, agora, eram dois filés de linguado congelados.

Quando o veículo colocou Schiavone e Pierron na base do teleférico, o grupo de curiosos havia diminuído por causa do frio e da neve. Só os ingleses resistiam, reunidos, cantando em altos brados “You’ll never walk alone”. O subchefe olhou para eles. Rostos vermelhos, olhos semicerrados por causa da cerveja.

Ele ficou puto da vida.

Ainda se lembrava do dia 30 de maio de 1984. De Conti e Graziani que chutavam a bola a torto e a direito e o Liverpool que levava para casa a quarta taça dos campeões.

– Pierron, faça esses caras se calarem! – gritou. – Lá em cima tem um cadáver; um pouco de respeito, porra!

Pierron foi falar com os ingleses. Eles se desculparam educadamente, apertaram a mão dele e ficaram quietos. Rocco se irritou. Em primeiro lugar, porque estava puto da vida, e uma boa briga o teria ajudado a desafogar um pouco. Em segundo lugar, porque Pierron sabia inglês. Schiavone mal sabia dizer *Imagine all the people*, frase sem nenhuma utilidade, tanto na pátria quanto na terra de Albion.

– Você sabe inglês, Italo? – perguntou para ele.

– Mas o senhor sabe, doutor... – respondeu o policial, com um tom de desculpas. – No vale, todos falamos francês, e ensinam bem o inglês na escola. Sabe, nós vivemos do turismo. Veja, as escolas do Vale da Aosta são ótimas. Aprendemos as línguas, as técnicas bancárias, estamos na vanguarda da...

– Pierron! – o subchefe o interrompeu. – Quando vocês estavam catando os piolhos nas cavernas, em Roma nós já éramos frescos! – e foi a passos rápidos na direção do automóvel que o esperava. Pierron balançou a cabeça.

– O que fazemos, voltamos para a cidade?

– Quero conversar um pouco com a criatura que encontrou o cadáver – respondeu Rocco, e saiu na direção do escritório do teleférico. Italo o seguiu, como um cão de caça.

Naquele momento, os escritórios do Monterosa Ski estavam desertos. Havia apenas uma moça usando um tailleur e um policial com roupas de esqui sentados no hall. As luzes de neon marcavam os rostos deles. Mas ao passo que o policial tinha um belo bronzeado de quem passa horas na pista, a moça, bonita, era pálida e estava exausta. “Tem uns quilinhos a mais, mas não é de se jogar fora”, pensou Rocco, mal a viu entrando pela porta dupla de vidro junto com Pierron. O policial com os esquis se levantou de um salto. A seus pés havia uma pequena poça d’água, sinal de que a neve grudada nos seus sapatos Nordica havia derretido. E era um sinal inconfundível de que o agente estava sentado ali já fazia um tempinho.

– Agente De Marinis.

Rocco o examinou.

– E por que você não está com o seu colega de Vomero, o Cacioppolo, patrulhando o local do crime?

– Estava aqui junto com o Amedeo, o que encontrou o corpo – se justificou o policial.

– O que você é, uma babá? Pegue o esqui e vá lá pro alto dar uma mão.

– Agora mesmo, doutor.

Fazendo os sapatos ressoarem, De Marinis saiu do escritório.

– Onde ele está? – Rocco perguntou para a moça.

– Venha, Amedeo está ali – a funcionária respondeu, indicando uma porta fechada atrás de si –; eu lhe dei um chá quente.

– Muito bem... Margherita – disse Rocco, lendo o nome no crachá preso à lapela da jaqueta –, muito bem. Traga um para nós dois também, por favor.

A moça concordou e se afastou.

Amedeo estava sentado em uma cadeira de couro falso. Os olhos inchados e os cabelos emplastrados na cabeça. Tinha colocado o gorro e as luvas na mesa, o olhar estava fixo no piso. Rocco e Italo pegaram duas cadeiras com rodinhas e se sentaram na frente dele. Finalmente, Amedeo ergueu o olhar.

– Quem são vocês? – ele perguntou, com um fio de voz.

– Subchefe de polícia Schiavone. Você consegue responder umas perguntas?

– Que bosta. Uma coisa inacreditável. Eu senti um tac e...

Rocco o deteve com um gesto da mão.

– Por favor, Amedeo. Vamos em ordem. Então, você trabalha com aqueles negócios ali... os gatos de neve, não é?

– Sim, há uns meses. Quem me encontrou o trabalho foi o Luigi, o chefe. Ele é um grande amigo meu.

– É aquele que nos levou lá para o alto, doutor – acrescentou Italo.

Rocco assentiu.

– Eu mal tinha terminado a pista lá no alto. Tinha um paredão, e...

– Um paredão? – perguntou Schiavone, franzindo o rosto.

– Quando a pista fica muito íngreme, é assim que se chama. Paredão. Ou pista negra – Italo ajudou.

– Continue, Amedeo.

– O paredão é íngreme demais. Não dá pra fazer. É perigoso, estreito, e se a pessoa não é muito hábil e não tem experiência, pode acabar mal. Por sorte, o Luigi, o meu chefe, me chamou e me disse que eu podia descer para fazer a parte final da pista, aquela que chega ao povoado.

– E...?

– E eu fui. Só que, para voltar para o vale, não dá pra passar nas pistas recém-terminadas. A gente vai pelo atalho, aquele do Crest.

– Todos vocês usam?

– O quê?

– Esse atalho do Crest – disse Rocco.

– No fim do serviço, sim. Senão, a gente estraga o serviço já feito. Eu terminei primeiro porque sou o que tem menos experiência, resumindo. Então, a gente passa pelo Crest, que é aquele povoado de poucas casas. Dali, na altura da fonte, sai o atalho que passa pelos bosques e leva a gente lá pro vale.

– E foi ali que você passou por cima do cadáver.

Amedeo não respondeu. Abaixou os olhos.

– E depois do atalho, o que é que se faz? – perguntou Rocco.

– A gente vai parar no meio da pista que leva ao povoado. Que é a última que a gente repara. E aí termina o serviço.

– Entendi. Passa um de cada vez, e o último repara, assim ela está pronta para o dia seguinte – concluiu Rocco. – Então, se não fosse você, teria sido qualquer outro a atropelar o cadáver. Você teve o azar de ser o primeiro, Amedeo.

– Tive.

– Bom. Está tudo claro – disse Rocco, no momento em que Margherita entrou com dois copinhos de plástico fumegantes. Rocco pegou um. – Obrigado pelo chá, Margherita – e o bebeu com um gole só.

Tinha gosto de detergente para lavar louça. Mas, pelo menos, estava quente. Margherita ia saindo, quando Rocco a deteve.

– Me diz uma coisa, Margherita.

A moça se voltou.

– Claro, doutor.

– Quantos habitantes tem Champoluc?

– Excluindo os turistas?

– Só estou pensando nos moradores.

– Nem quatrocentos.

– Uma grande família, não?

– Sim. Somos quase todos parentes, no fim das contas. Eu e Amedeo, por exemplo, somos primos.

Amedeo confirmou com um gesto de cabeça. Já que o subchefe não acrescentou mais nada, Margherita pediu licença com um sorriso.

Rocco deu um tapinha no joelho do condutor do gato. Era a primeira vez que Italo via o seu chefe ter um gesto de afeto para com um desconhecido. Amedeo se sobressaltou, espantado.

– Agora, Amedeo, você vai para casa dormir. Durma, se conseguir. Ou melhor, quer um conselho? Encha a cara. E não pense mais nisso. Não é culpa sua, certo?

– Não. Não mesmo. Eu estava dirigindo; depois, de repente, eu senti um baque muito forte e freei. Pensei, sei lá... Uma raiz, uma pedra. Depois, em vez disso, todo aquele sangue. Eu nem tinha visto o corpo!

Rocco mal virou a cabeça de lado, depois estendeu uma das mãos na direção do bolso do casaco acolchoado do moço. Enfiou dois dedos e tirou dele um pacote de papel Rizla para fumo.

– Você não viu, a não ser que tenha fumado até a alma – Rocco cheirou o papel. – Erva. A erva, pelo menos, ajuda a manter o bom humor. Quantos você fumou enquanto estava lá em cima alisando a neve?

– Um – disse Amedeo, respirando ruidosamente.

– E talvez você ainda meta umas doses em cima disso; capaz que aquele infeliz tenha atravessado a estrada na sua frente e você nem viu, não?

– Não, doutor! Não! Eu juro que não vi mesmo aquela pessoa. O gato tem sete faróis montados no teto, se ela tivesse atravessado a estrada eu teria percebido!

Com os olhos arregalados, Amedeo fitava um pouco Rocco e um pouco Italo, procurando um olhar de compreensão.

– Quando eu descii, pensei que tinha atropelado uma galinha, até mesmo um peru, mesmo que não tenha peru nem galinha lá no alto. Mas tinha penas, penas pra tudo que era lado. Um mar de penas.

Rocco deu um sorriso imperceptível.

– Poderia ser até um cobertor da Ikea, não?

– Acredite em mim, doutor. Eu não vi o homem!

– E como você sabe que é um homem, caralho? – berrou Rocco, e a mudança repentina de humor assustou até Italo Pierron.

Amedeo pareceu se encolher na cadeira.

– Não sei. Falei por falar.

Rocco encarou o rapaz em silêncio por pelo menos dez segundos. Amedeo suava. As mãos agarradas à mesinha tremiam.

– Amedeo Gunelli, veja bem, se eu descobro que você acabou com ele, é homicídio culposo. Você passa um bom tempo no xilindró, sabe?

– Com xilindró o subchefe quer dizer prisão – traduziu Italo, que, depois de uns quatro meses de convivência, começava a entender um pouquinho de romano.

A mandíbula de Amedeo pendeu como se alguém a tivesse soltado.

– Lembre-se de uma coisa, Amedeo – disse Rocco, levantando-se da cadeira. – A polícia pode ser sua amiga ou o seu pior pesadelo. Depende de você.

Lá fora o vento golpeou os dois policiais com as suas mãos geladas. Italo se aproximou a passos rápidos do subchefe.

– Por que o senhor falou desse jeito com ele? Acha que ele o matou?

– Quem dera. Teríamos resolvido o caso. Não, não foi ele. O gato, lá em cima, não tem vestígios de impacto ou riscos na parte da frente. Se ele tivesse atingido alguma coisa em cheio, haveria marcas. Pelo contrário, não há nada.

– E então? – perguntou Italo, que não entendia.

– Veja bem, Italo, se você os assusta, eles estarão sempre à sua disposição. Aquele rapaz é esperto, pode se tornar útil. É sempre melhor que tenham medo de nós, acredite em mim.

Italo assentiu, convencido.

– Mas há uma coisa que precisamos ter em mente: com aqueles faróis possantes, ele não viu o corpo daquele infeliz estendido por terra. Então, precisamos pensar nisso.

– É sinal de que o cadáver estava coberto de neve?

– É isso aí, Italo. Você está começando a engrenar.

Rocco e o agente Pierron estavam quase entrando no carro quando um Lancia Gamma azul freou a dez metros deles.

Rocco ergueu os olhos para o céu. A equação era imediata, Lancia azul = procuradoria.

Do carro desceu um homem de no máximo um metro e setenta, agasalhado com um casaco acolchoado que lhe chegava quase aos joelhos. Usava um gorro de pele que praticamente lhe cobria os olhos. Com passos velozes, ele se aproximou de Rocco Schiavone estendendo a mão direita.

– Sou Baldi. Prazer.

Rocco apertou a mão dele.

– Schiavone, subchefe da unidade móvel.

– Então, me diga, o temos por aqui?

Rocco o examinou da cabeça aos pés. Aquele homem que parecia um veterano do exército italiano na Rússia era o magistrado de plantão.

– O senhor é o magistrado?

– Não. Sou sua avó. Mas é claro que sou o magistrado.

“Começamos muitíssimo bem”, pensou Rocco.

O doutor Baldi parecia estar de saco mais cheio do que ele. Estava de plantão, e agora ele também se encontrava com essa belíssima encheção de saco nas mãos. Isso o deixou um pouco contente, ficava claro que ele não tinha sido o único arrancado do calor e da tranquilidade de uma noite agradável e jogado no meio da neve a 1.500 metros acima do nível do mar.

– Bem, lá em cima tem um cadáver. Homem. Entre quarenta e cinquenta anos.

– Quem é?

– Se eu soubesse, teria dito nome e sobrenome.

– Nenhum documento?

– Nenhum. E que seja um homem, a gente intui. Não sei se estou me fazendo entender.

– Não, não está – respondeu o magistrado –, e não me venha com trocadilhos. Descreva-me muito bem o que é que nós temos, porque eu já estou de saco cheio. Então, doutor Schiavone, por que se intui que seja um homem?

Rocco limpou a garganta.

– Porque o gato de neve passou por cima dele e o esmigalhou com as lâminas. Veja bem, a cabeça foi esmagada, com consequente expulsão de matéria cerebral; da caixa torácica saltam pedaços de pulmão e de outros órgãos que o próprio Fumagalli, nosso legista, tem dificuldade de reconhecer. Uma das mãos está a dez metros do corpo; um dos braços foi arrancado; as pernas estão dobradas como a natureza não conseguiria dobrá-las; então, é claro que foram quebradas em vários pontos. O estômago foi enrolado em várias espirais sanguinolentas e...

– Já chega! – berrou o magistrado. – O que o senhor está fazendo, se divertindo?

Rocco sorriu.

– O senhor me pediu uma descrição detalhada do que nós temos lá em cima, e eu a estou dando.

Maurizio Baldi balançou a cabeça várias vezes olhando ao redor como se procurasse uma pergunta para fazer ou uma resposta para dar.

– Estarei na procuradoria. Nos vemos. Espero que seja uma morte accidental.

– Eu também espero, mas não acredito.

– Por quê?

– Porque é minha intuição. Os golpes de sorte, já faz um bom tempo que não os vejo.

– Para quem o senhor está dizendo isso. Eu queria tudo, menos um homicídio no meio dos meus ovos.

– Repito e confirmo.

O magistrado encarou o subchefe.

– Posso dar um conselho ao senhor?

– Claro.

– Se, como o senhor diz, não é um acidente, vai ter de trabalhar aqui no alto. Vestido desse jeito, o senhor se arrisca a uma amputação das mãos e dos pés por gangrena.

Rocco assentiu.

– Agradeço o conselho.

O magistrado olhou Rocco nos olhos.

– Eu o conheço, doutor Schiavone. Sei muitas coisas a seu respeito... – e semicerrou os olhos. – Então, eu o estou advertindo: manei nas pisadas de bola.

– Nunca pisei na bola.

– Ouvi coisa bem diferente.

– Nos veremos às margens do Don, doutor.

– Não me faça rir.

Sem apertar a mão do magistrado, Rocco voltou para o carro, onde Pierron o esperava. Maurizio Baldi se dirigiu à base do teleférico. Mas, por baixo do gorro de pele, um sorrisinho despontara, fugaz.

– Aquele é o doutor Baldi, não é? – perguntou Pierron.

Rocco não respondeu. Não havia necessidade.

– É meio louco, o senhor sabe? – disse Italo, entrando no carro.

– Você vai se mexer e me levar embora daqui, ou preciso chamar um táxi?

Pierron partiu na mesma hora.

Meia-noite e quarenta e cinco. Ninguém pode voltar pra casa à meia-noite e quarenta e cinco enregelado. Mal abro a porta, percebo que deixei até as luzes acesas. Do corredor e do banheiro. Meia-noite e quarenta e cinco, e olho meus pés enregelados. Sapatos e meias são pra jogar fora. Bom, tenho outros três pares de Clarks. O dedão ainda está preto. Aquele imbecil do D’Intino. Devo fazer com que ele seja transferido, transferido o mais rápido possível. É fundamental para o meu equilíbrio psicofísico. Mas alguma vez o tive?

Abro a torneira. Enfio os pés dentro da água. Está quente, em ponto de fervura. Só me dou conta da temperatura três minutos depois. Deixo-a escorrer pelos tornozelos, no meio dos dedos, e até sobre a unha preta. Que, pelo menos, não está doendo.

– Assim você vai ficar com frieiras.

Dou meia-volta.

É Marina. De camisola. Acho que a acordei. Se tem uma coisa que me irrita (uma? Há milhares delas) é acordar a minha mulher. Dorme feito uma pedra, mas parece ter um sexto sentido quando me ouve andar pela casa.

– Oi, amor.

Ela me olha com os seus olhos cinzentos e cheios de sono.

– Você me acordou – diz.

Eu sei.

– Eu sei. Me desculpe.

Ela se apoia no batente da porta com os braços cruzados. Ela se colocou em posição de escuta. Quer saber.

– Encontramos um cadáver no meio de uma pista de esqui, embaixo da neve. Em Champoluc. Uma bela de uma encheção de saco, meu amor.

– Isso quer dizer que, por uns tempos, você vai para lá?

– Mas nem morto. É só uma hora de carro. Vamos torcer para que se trate de uma morte accidental.

Marina me olha. Meus pés estão mergulhados no bidê, que fumega como uma panela de espaguete.

– Sim, mas amanhã de manhã compre uns sapatos adequados. Senão, é provável que em uns dias seus pés sejam amputados por causa de uma gangrena.

– O magistrado disse a mesma coisa. E, no entanto, os sapatos adequados me dão nojo.

– Você comeu?

– Uma pizza requentada na estrada.

Marina desaparece para além da porta. Foi para a cama. Enxugo os meus pés e vou até a cozinha. Esta casa já mobiliada me dá nojo. A cozinha é a única coisa decente aqui. Eu queria entender as casas das pessoas. A maior parte tem uma mobília de dar dó. Somente na cozinha gastam uma quantidade alucinante de dinheiro e a abastecem com todos os aparelhos elétricos, forno, micro-ondas, lava-louças, até parece que você está dentro da Enterprise. Por outro lado, a sala tem sucatas e quadros com palhaços nas paredes.

Mistério.

De vez em quando, eu a comparo com a minha casa, em Roma. No Gianicolo. Olho a cidade e, quando venta, vejo São Pedro, a piazza Venezia e, atrás, as montanhas. Furio me aconselhou a alugá-la. Em vez de deixá-la lá, vazia. Mas não tenho vontade. Não consigo pensar em pés estranhos estragando o piso que Marina escolheu, em mãos estranhas abrindo as gavetas dos armários indianos que compramos há anos em Viterbo. Sem falar nos banheiros. Bundas desconhecidas sentadas nos meus vasos sanitários e rostos desconhecidos que se refletem nos meus espelhos mexicanos. Não se toca no assunto. Bebo uma boa garrafa d'água. Senão, acordo no meio da noite com a língua e a boca que nem dois pedaços de lixa.

Marina está debaixo das cobertas. E, como sempre, começou a ler o dicionário.

– Não é um pouco tarde para ler?

– Senão eu não volto a dormir.

– O que temos de novidade hoje?

Marina tem um caderninho preto apoiado no colo, junto com um lápis. Abre ao acaso e lê:

– Cerzir, verbo transitivo. Costurar ou remendar alguma coisa. Também se pode usar quando incorporamos algo sob um núcleo comum – coloca de lado o bloco de

notas.

O colchão é confortável. Chama-se memory foam. Um material inventado pela Nasa para os astronautas na década de 1960. Ele acolhe você como uma luva, porque conserva a forma do corpo. Assim dizia o folheto.

– E se pode dizer que aqui em Aosta eu estou cerzindo? – pergunto a Marina.

– Não. Você não é alfaiate. Quem sabe costurar sou eu.

O colchão é confortável. Mas a cama está gelada. Eu me encosto a Marina.

Procuro um pouco de calor. Mas o lado dela está tão frio quanto o meu.

Cerro os olhos.

E encerro também esta merda de dia.

[1](#) Que dirige o “gato”, veículo com esteira que alisa as pistas de esqui. (N.E.)

[2](#) Uma vida comum... (N.T.)

[3](#) Algumas noites, a rádio que toca Neil Young parece ter entendido que você é... (N.T.)

[4](#) Vamos dançar um fandango... (N.T.)

[5](#) Vamos dançar no mundoooo... (N.T.)

[6](#) Você vai se queimar, estrelinha sem céu... (N.T.)

[7](#) Empresa estatal responsável pela cobrança de impostos na Itália. (N.E.)

[8](#) Com grande louvor. Em latim no original. (N.T.)

[9](#) Pedra de pavimento usada em diversas cidades da Itália. (N.E.)

[10](#) Tipo de sobretudo impermeável usado em lugares muito frios. (N.E.)

Faça sua doação!



Demonstre seu amor nesses tempos de pandemia: faça uma doação para a Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, um hospital que trabalha incansavelmente para salvar a vida dos pacientes com Covid-19.

Toda doação é bem-vinda. Que tal começar com R\$5?

Banrisul - 0062

Conta: 06.040000.9-8

CNPJ: 92.815.000/0001-68

Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre

Texto de acordo com a nova ortografia.

Título original: *L'amore ai tempi del Covid-19*

Tradução: Mauricio Santana Dias e Solange Pinheiro

Capa: Ivan Pinheiro Machado

Preparação e revisão: L&PM Editores

CIP-Brasil. Catalogação na Fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

M252a

Manzini, Antonio, 1964-

O amor nos tempos da covid-19 [recurso eletrônico] / Antonio Manzini; tradução Mauricio Santana Dias, Solange Pinheiro. – 1. ed. – Porto Alegre [RS] : L&PM, 2020.

recurso digital

Tradução de: *L'amore ai tempi del covid-19*

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5666-126-1 (recurso eletrônico)

1. Ficção italiana. 2. Livros eletrônicos. I. Dias, Mauricio Santana. II. Pinheiro, Solange.

20-67746 CDD: 853

CDU: 82-3(450)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

© 2020 Sellerio Editore, Palermo

Published by special arrangement with Sellerio Editore S.L. in conjunction with their duly appointed agent
The Ella Sher Literary Agency

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores

Rua Comendador Coruja, 314, loja 9 – Floresta – 90.220-180

Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777

Pedidos & Depto. Comercial: vendas@lpm.com.br

Fale conosco: info@lpm.com.br

www.lpm.com.br

Table of Contents

1. [O amor nos tempos da Covid-19](#)
2. [Leia também: Pista negra](#)
 1. [Capítulo 1: Quinta-feira](#)
3. [Faça sua doação!](#)

ANTONIO
BEST-SELLER INTERNACIONAL
MANZINI

DO MESMO AUTOR DE *PISTA NEGRA*

A COSTELA DE ADÃO

MAIS UM MISTÉRIO PARA
O SUBCHEFE DE POLÍCIA
ROCCO SCHIAVONE

LPA



A costela de Adão

Manzini, Antonio

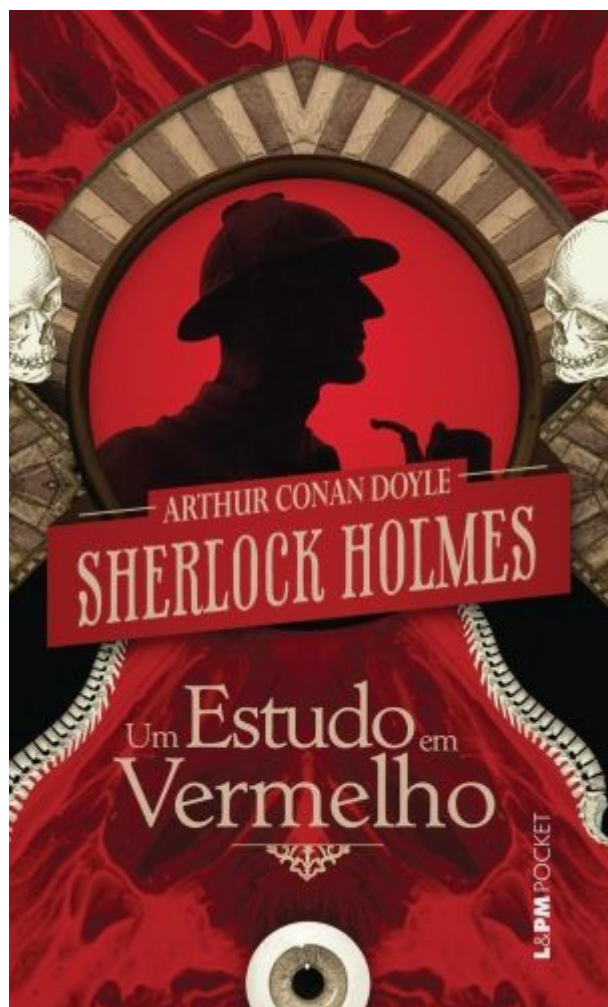
9786556660493

272 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma mulher de meia-idade é encontrada morta na casa onde mora com seu marido, ambos pessoas bem consideradas na comunidade. Seu corpo está numa sala escura, pendurada num lustre com uma corda amarrada ao pescoço. Em torno desta cena macabra há uma imensa desordem que evidencia um latrocínio. O subchefe de polícia Rocco Schiavone é chamado de volta à ação, dando início a uma história cheia de surpresas, na qual também se desvendam alguns dos mistérios que cercam a vida do próprio Schiavone...

[Compre agora e leia](#)



Um Estudo em Vermelho

Conan Doyle, Arthur

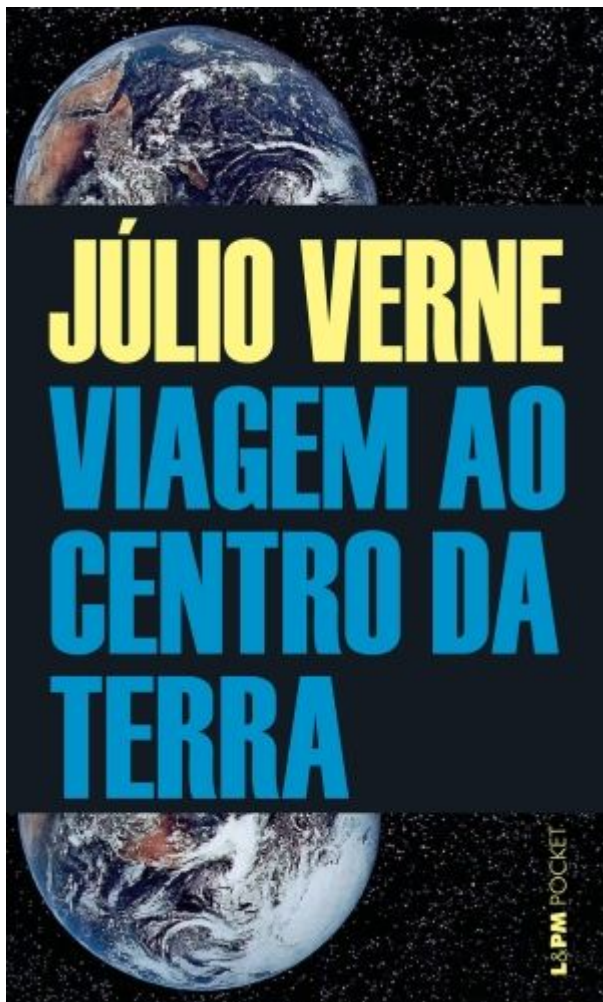
9788525408860

168 páginas

[Compre agora e leia](#)

"Um estudo em vermelho" propõe um enigma terrível e invencível para a polícia, que pede auxílio a Holmes: um homem é encontrado morto, sem ferimentos e cercado de manchas de sangue. Em seu rosto uma expressão de pavor. Um caso para Sherlock Holmes e suas fascinantes deduções narrado por seu amigo Dr. Watson, interlocutor sempre atento e não raro maravilhado com a inteligência e talento do detetive. Apesar de ser o livro de estreia de Conan Doyle, esta história nasceu clássica, com seu ritmo vertiginoso de suspense e mistério que consagraria seu protagonista Sherlock Holmes como o mais apaixonante e popular detetive da história da literatura.

[Compre agora e leia](#)



JÚLIO VERNE
VIAGEM AO
CENTRO DA
TERRA

L&PM POCKET

Viagem ao centro da terra

Verne, Júlio

9788525423764

240 páginas

[Compre agora e leia](#)

Ao estudar um velho manuscrito, o professor Lidenbrock encontra um criptograma feito por Arne Saknussemm, célebre cientista islandês do século XVI, com a bombástica revelação de que, pela chaminé da cratera do extinto vulcão Sneffels, na Islândia, é possível penetrar até o centro da Terra. Excitadíssimo, Lidenbrock parte rapidamente com seu sobrinho Axel para a gelada Islândia onde, acompanhados pelo guia Hans, eles iniciam uma aventura fantástica e imprevisível! O vigor, o ritmo vertiginoso da narrativa, a legendária imaginação de Verne, tudo isso faz deste "Viagem ao centro da Terra" um clássico entre todos os grandes romances de aventuras.

[Compre agora e leia](#)

Sir Arthur Conan Doyle

As melhores histórias de
Sherlock Holmes



"Sherlock Holmes, o mais célebre
detetive da história da literatura."

L&PM POCKET

PLUS

As Melhores Histórias de Sherlock Holmes

Conan Doyle, Arthur

9788525421685

144 páginas

[Compre agora e leia](#)

Sherlock Holmes, o mais célebre detetive da história da literatura."

Estão aqui reunidos aqueles que são considerados por especialistas e fãs os melhores contos protagonizados por Sherlock Holmes e dr. Watson. Os dois amigos se colocam no lugar da vítima para desvendar uma tentativa de assassinato, em A faixa malhada. Em Um escândalo na Boêmia, o leitor conhecerá a encantadora Irène Adler, que faz Holmes rever seu conceito sobre a inteligência feminina. Em A Liga dos Cabeça-Vermelha, uma misteriosa entidade dá dinheiro a homens ruivos simplesmente pelo fato de serem ruivos. O problema final é a famosa história em que Holmes sacrifica-se para combater o arquivilão do crime, professor Moriarty; e A casa vazia marca o retorno do mais célebre e querido dos detetives particulares.

Contos:

"A faixa malhada"

"Um escândalo na Boêmia"

"A Liga dos Cabeça-Vermelha"

"O problema final"

"A casa vazia"

[Compre agora e leia](#)

SHAKESPEARE ROMEO E JULIETA



L&PM POCKET

Romeu e Julieta

Shakespeare, William

9788525408785

160 páginas

[Compre agora e leia](#)

O amor apresenta-se à vida de Romeu e Julieta de modo traiçoeiro: ambos apaixonam-se instantaneamente, em uma festa – um baile de máscaras –, desconhecendo a identidade um do outro. Ele é filho dos Montéquio, e ela, dos Capuleto, duas das mais poderosas famílias de Verona, inimigas entre si. Desobedecendo às restrições familiares e políticas, eles vivem a sua paixão explosiva e desesperançada, naquela que se tornou a mais famosa história de amor da literatura ocidental, além de uma das mais populares tragédias shakespearianas.

[Compre agora e leia](#)

Table of Contents

[O amor nos tempos da Covid-19](#)

[Leia também: Pista negra](#)

[Capítulo 1: Quinta-feira](#)

[Faça sua doação!](#)